



UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA ACADÊMICA
MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA



**AS MÚLTIPLAS ATIVIDADES DA MULHER E AS RESSONÂNCIAS SOBRE
A SAÚDE**

DIOGIVÂNIA MARIA DA SILVA



UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA ACADÊMICA
MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA



AS MÚLTIPLAS ATIVIDADES DA MULHER E AS RESSONÂNCIAS SOBRE A SAÚDE

Diogivânia Maria da Silva

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Albenise de Oliveira Lima

Dissertação para defesa pública,
como requisito para obtenção
do título de mestre, no
Mestrado em Psicologia
Clínica, da Universidade
Católica de Pernambuco.

Linha de pesquisa: Família e
Interação Social.

Recife, Novembro de 2009.

S586m

Silva, Diogivânia Maria da

As múltiplas atividades da mulher e as ressonâncias sobre a saúde / Diogivânia Maria da Silva ; orientador Albenise de Oliveira Lima, 2009.

122, [4] f.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Católica de Pernambuco - UNICAP. Pró-reitoria Acadêmica. Curso de Mestrado em Psicologia Clínica, 2009.

1. Psicologia clínica da saúde. 2. Mulheres - Aspectos psicológicos. 3. Mulheres - Saúde mental. 4. Mulheres - Trabalho. 5. Corpo e mente. 6. Subjetividade. 7. Família. I. Título.

CDU 159.964.2

**AS MÚLTIPLAS ATIVIDADES DA MULHER E AS RESSONÂNCIAS SOBRE
A SAÚDE**

DIOGIVÂNIA MARIA DA SILVA
Prof^a Dr^a Albenise de Oliveira Lima

**Dissertação de mestrado submetida à banca examinadora como requisito parcial
para a obtenção do título de mestre em Psicologia Clínica.**

25-11-2009

Banca examinadora:

Prof^a Dr^a Albenise de Oliveira Lima
Universidade Católica de Pernambuco
Orientadora

Prof^a Dr^a Júlia Sursis Nobre Bucher Maluschke
Universidade de Fortaleza - UNIFOR

Prof^a Dr^a Ana Lúcia Francisco
Universidade Católica de Pernambuco
Examinadora interna

RECIFE
2009

*“Somos galinha, seres concretos e históricos.
Mas jamais devemos esquecer nossa abertura infinita, nossa paixão indomável,
nosso projeto infinito: nossa dimensão-águia”*

(Leonardo Boff)

AGRADECIMENTOS

Há muitos anos, chegou às minhas mãos, a obra “A águia e a galinha”, de Leonardo Boff. Esse livro me levou a pensar no número de vezes em que me comportei de modo idêntico à personagem central do livro: a águia, a qual, uma vez criada, num galinheiro, comportava-se como uma galinha, sem nunca ousar fazer voos maiores e com os pés bem firmes no chão. Entretanto, a vida me apresentou pessoas que resistiam, firmemente, ao meu comportamento seguro e limitado de galinha-águia e, assim, replicavam, numa só voz: Voe! Voe! Abra seus braços ao sol, as águias de verdade podem voar...

Depois de relutar, por certo tempo, convenci-me de que podia alçar pequenos voos. As tais pessoas, sempre amorosamente ao meu lado, ensinavam, advertiam, orientavam, sugeriam e pressionavam. Nunca se deram, por contentes, e achavam, continuamente, que eu podia aperfeiçoar meus voos...

Hoje, de vez em quando, ainda, desconfio, e sinto medo, mas termino por lhes obedecer. Eles são mestres e os mestres, de verdade, terão sempre lições a transmitir a seus discípulos...

Quero agradecer, imensamente, a todos os meus “mestres-águia” que me ensinaram a voar. Agradeço por suas incontáveis horas de investimento nas minhas possibilidades intelectuais, pessoais e, até de espírito. E, também, pela segurança que eles me proporcionaram de saber que a ‘estrada vai além do que se vê’...

Antonio Silvério e Maria Luzinete, aos mestres-pais, sei que vocês são anjos materializados e que foram enviados para aliviarem e trazerem luz à minha caminhada, aqui, na terra.

À Zélia Maria de Melo (in memorian), mestre-mentora intelectual, cuidou de mim, foi águia, até o último momento. Sua trajetória de vida me ensinou que o desejo de auto-superação deve estar acima de tudo.

A Albenise de Oliveira Lima, mestre modelo de mulher e de orientadora, sua ética, sensibilidade e firmeza me inspiraram a confiança necessária; não só para produzir esse trabalho, mas também para me aprimorar como pessoa humana.

A Ana Lúcia Francisco, a mestre que oferece, de forma extraordinária, um exemplo de humanidade e competência, em tudo que faz.

A Vânia Ferreira, mestre-terapeuta, que me deu continência nos momentos mais delicados e me ensinou que o “estágio mestrado” pode estar para além dos ganhos intelectuais.

A Dane kelle Tonnia, a mestre-irmã, ensina-me que é possível manter a delicadeza dos atos, mesmo nas adversidades.

A Gisele, Paty, Lala e Jana, mestres-amigas.

A Érica, mestre-xamã.

Às mulheres participantes deste estudo, mestres na condução de suas histórias.

À FACEPE, órgão financiador da pesquisa.

Por fim, agradeço a *Cristo*, que me presenteou com todas essas pessoas, potencializadoras que são da minha “dimensão-águia”!

RESUMO

O final do século XIX, com a inserção maciça da mulher no mercado de trabalho, se deu início a um processo de fusão e, mútua ocupação, do espaço doméstico (privado) e do público. Nesse cenário, percebe-se mudanças significativas, nas suas trajetórias econômica, profissional e familiar. Tomando essa cartografia como contexto, este trabalho consistiu analisar, as múltiplas atividades desenvolvidas pela mulher (nos âmbitos domésticos e profissionais) e as possíveis ressonâncias sobre a saúde. Participaram desse estudo, sete mulheres residentes na Região Metropolitana do Recife, e com rotina diária, de duas ou mais, jornadas de trabalho. Suas idades, variaram entre 30 e 49 anos. No que se refere à profissão, uma era taxista; duas professoras do estado, locadas em área de risco; duas policiais militares; e uma segurança armada. Realizamos entrevistas semidirigidas, no local de melhor conveniência das participantes. Posteriormente, elegeu-se como procedimento de organização, descrição e análise das falas das entrevistadas, a análise temática de conteúdo. Identificaram-se três unidades de sentido, a saber: sobrecarga das múltiplas atividades; identificação com a profissão; e repercussões sobre a saúde e estratégias de enfrentamento. Neste contexto, identificamos a presença de uma grande satisfação e realização nas tarefas e nos compromissos assumidos por essas mulheres, contudo, alguns impactos negativos foram notados. O preço pelo alto desempenho e, elevadas cobranças, culminaram em diversas formas de sofrimento e sobrecarga emocional. Entre os quais, destacamos: presença de alguns sintomas depressivos e de ansiedade, assim como, pressão alta, insônia, excesso de peso, estresse e dores de cabeça. A busca por redes de apoio – familiar e social, se configurou como o mais importante fator de proteção ao risco e manutenção da saúde no grupo estudado. Essas parcerias assumiram lugar fundamental, na tessitura das estratégias de enfrentamento para o grupo estudado. O estudo da interação, entre as múltiplas atividades desenvolvidas pela mulher e, as ressonâncias sobre a saúde permitiram fornecer informações e recursos para o desenvolvimento de intervenções clínicas, como também, de subsídios para o fortalecimento de políticas públicas, que visem o atendimento e proteção das necessidades da mulher no exercício de suas variadas funções.

Palavras-chave: Mulheres; jornadas de trabalho; saúde física e mental.

ABSTRACT

The Final of the XIXTM century, with the massif (solid) insercion of woman into the market of work, has given origin to a process of fusion and mutual occupation of the domestic (private) space and of the public one. In this scenery, we can perceive meaningful changes in her economical, professional and familiar trajectories. Using, employing this cartography as a certain context, this work has consisted os analysing the multiple activities developed by woman (in her domestic and professional fields of action) and the possible resonanges upon her healthiness. Seven women from the Metropolitan Region of Recife, having in their daily work routine, two or more day's labor. Their ages varied from 30 to 49 years old . Relating to profession, one of them was a taxical driver; two of them were teachers from state of pernambuco's official schools, locates in risking areas; two of them from women military police, and one from armed-weaponed safety. We had performed, accomplished semidirect interviews in the participants better convenience place. Later on, we have elected, chosen, as the inverviwed persons speeches organization, description and analysis proceeding, content thematic analysis. We have identified meaning three units of senses, multiple activities overload; identification with profession and resonanges upon healthiness and confronting strategies-fieds a great satisfaction presence and fruition in their tasks and in the commitments assumed by these women. However, notwith-standing, we have found out some negative impacts. Price for high fulfillment and high changes, exigences on demands have reached their climax, their highest point in suffering several ways and emotional overload which we can emphasize: some depressive syntoms and anxiety syntoms presence, as well as high pressure, sleeplesness, height excess, stress and headaches. The supporting nets search -the familiar and social ones - has taken shape has (configured itself) as the most important factor of protection to healthiness risk and maintenance in this studied group. These partnerships have assumed, have developed a fundamental "locus"- place in these women confronting strategies texture. The interaction study among the multiples activities accomplished, developed by women and their resonance upon their healthiness has allowed, permitted providing (informations and ressonances for clinical interventions development, as well as subsidies for public politics furnishing that aim at the women needs attendances and protection in their several and varied functions exercise.

Key-words: women; daily work routine; physical and mental health.

RESUMEM

El final del Siglo XIX, con la inserción de la mujer en el mercado laboral, dio inicio al proceso de ocupación del espacio doméstico (privado) y del espacio público. En ese escenario percibimos cambios significativos en el campo económico, profesional y familiar. Teniendo esta cartografía como contexto, este trabajo ha buscado analizar las múltiples actividades desarrolladas por la mujer (en los ámbitos domésticos y profesionales) y las posibles resonancias sobre la su salud. Participaron de eso estudio siete mujeres residentes en la Región Metropolitana del Recife, con rutina diaria de dos o más turno de trabajo. Sus edades variaban de 30 a 49 años. En relación a las profesiones de ellas, una era chofer de taxi, dos eran profesoras de escuela pública ubicada en área de riesgo, dos eran policías y una era vigilante utilizando arma de fuego. Realizamos entrevistas semidirigidas en sitios indicados por las participantes. Como procedimiento de análisis fue utilizado los análisis temáticos de contenidos. Ha sido identificado tres unidades de sentido: sobrecarga de múltiples actividades; identificación con la profesión; repercusiones sobre la salud y estrategias de enfrentamiento. En este contexto, identificamos la presencia de una gran satisfacción y realización personal en las tareas y compromisos asumidos por las mujeres. Entre tanto, algunos impactos negativos fueron vistos. El precio por lo alto desempeño y por elevadas cobranzas culminaron en distintas formas de sufrimiento emocional, al que destacamos: presencia de síntomas depresivos y de ansiedad, así como presión alta, insania, exceso de peso estrés y dolor de cabeza. La búsqueda por redes de apoyo – familiar y social se ha configurado como el más importante factor de protección al riesgo y manutención de la salud en el grupo de mujeres estudiado. Esas pacerías asumieron lugar fundamental en la tesitura de las estrategias de enfrentamiento de esas mujeres. El estudio de la interacción entre las múltiples actividades desarrolladas por las mujeres y las resonancias sobre su salud permitió fornecer informaciones y recursos para el desarrollo de intervenciones clínicas, como también, de subsidios para el fortalecimiento de políticas públicas que visen atender y proteger las necesidades de la mujer en el ejercicio de sus diversas funciones.

Palabras Claves: mujeres; turno de trabajo; salud física y mental.

INDICE DE TABELA

Perfil sócio-demográfico das mulheres estudadas.....	63
Apresentação das participantes do estudo	65

SUMÁRIO

Introdução:	13
--------------------------	----

Capítulo I:

Primeira imagem: Cartografias do feminino - um olhar sobre cultura e subjetividade	17
1.1 Segunda Imagem: A mitologia Grega	18
1.2 Da invenção do feminino ao feminino inventado.....	21
1.3 Os dispositivos de ordem e poder sobre a mulher mantiveram-se intactos?	24
1.4 Operando segundo Rizomas	25
1.5 Cultura e Subjetividade: olhares que se cruzam!.....	27
1.6 O lugar da mulher na modernidade?.....	31

Capítulo II:

Os destinos da mulher na cultura contemporânea	36
2.1 Por uma <i>démarche</i> da mulher em questão!	37
2.2 Panorama da desigualdade: o perfil da mulher brasileira.....	38
2.3 Mulher: carreira e família.....	42
2.4 Reflexões sobre stress e Burnout.....	45
2.5 Quando a profissão é de risco, o risco aumenta?.....	46
2.6 A docência	48
2.7 A dimensão subjetiva do trabalho	48
2.8 Mulher: quando o sofrimento ocupa lugar de resistência.....	51

Capítulo III:

Metodologia - construindo os passos da pesquisa -	56
3.1 Produção do material qualitativo	58
3.2 Tratamento do material.....	60
3.3 Critérios de definição das Unidades de Sentido	61

Capítulo IV:

Análise das entrevistas	67
Reflexões sobre as entrevistas	114

Capítulo V:

Considerações Finais:	116
-----------------------------	-----

Referências:	120
---------------------------	-----

Anexos:

- TCLE – Termo de Consentimento Livre e esclarecido
- Roteiro do perfil sócio-demográfico e entrevista
- Parecer do Comitê de Ética em Pesquisa

INTRODUÇÃO

O final do século XIX, com a inserção maciça da mulher no mercado de trabalho, desencadeou um processo de fusão e mútua ocupação do espaço doméstico. Dessa forma, novos processos de subjetivação da mulher foram configurados. Com isso, instalaram-se mudanças significativas, nos modos de funcionamento da vida familiar, social e urbana, pelos quais provocaram uma mudança de mentalidade de toda a sociedade, em relação à mulher e da mulher, no que diz respeito a si própria.

Entretanto, “nem tudo são flores”, como disse um certo poeta. E a mulher, na contemporaneidade, agregou diversos compromissos e responsabilidades: o “novo” (relativo à profissão, ao estudo e à independência) dividiu espaço, com o lugar, secularmente destinado a elas, isto é, o espaço da casa, de cuidados com os filhos, esposo e organização do lar.

Diante do cenário, descrito, acima, poderíamos dizer que o lugar da mulher, na atualidade, é múltiplo e multifacetado, composto de diversas atividades, tanto públicas quanto privadas, apresentando polarizações tensas e de variadas profundidades.

Tomando essa cartografia, por base, buscamos, neste trabalho, analisar as múltiplas atividades, desenvolvidas pela mulher (nos âmbitos doméstico e profissional) e as possíveis ressonâncias sobre a sua saúde.

O primeiro capítulo, apresenta um olhar, acerca da formação do feminino, e suas interfaces, com a cultura e a subjetividade. Apresentamos alguns fenômenos, presentes no processo de subjetivação da mulher, compondo imagens de seu território existencial, trabalhando os conceitos de cartografia, subjetividade e rizoma. Percorreremos histórias, encontradas na Mitologia grega, na Biologia e Medicina e que foram fundamentais para os processos de subjetivação da mulher.

O segundo capítulo, delineou um panorama da mulher brasileira, na sua trajetória econômica, profissional e intelectual. Nessa perspectiva, ocupamo-nos dos papéis, lugares e funções do feminino, na cultura contemporânea. Para tanto, tivemos a companhia constante de algumas fontes de dados nacionais, através da Síntese dos Indicadores Sociais – IBGE, Plano Nacional de Políticas para Mulheres – PNPM, e, também, de dados internacionais, como o Fundo de Desenvolvimento das Nações Unidas para a mulher – UNIFEM. A referida revisão nos permitiu cartografar as condições sociais, econômicas e políticas em que vive a mulher brasileira.

O capítulo subsequente, deteve-se nos caminhos realizados pela pesquisadora para a realização do presente trabalho. Nosso enfoque, qualitativo, contemplou diversos aspectos, dentre os quais, os desafios encontrados no estudo, a produção do material qualitativo, o tratamento do material, os critérios de definição das unidades de sentido, confecção do perfil sócio-demográfico do grupo estudado, contendo idade, profissão, grau de instrução e responsabilidade econômica, no lar.

Em seguida, analisamos e discutimos, individualmente, as falas das entrevistadas e, no final do capítulo, tecemos breves reflexões de todas elas, observando as aproximações e distanciamentos de seus discursos, modos de ser e agir.

Por último, como Considerações Finais, realizamos uma síntese do tema estudado, assim como revelamos novos questionamentos gerados a partir dessa pesquisa.

Com esse estudo, acreditamos ter contribuído para visibilidade das múltiplas atividades, desenvolvidas pela mulher e, as ressonâncias disso, sobre a sua saúde. Acreditamos também, que do material coletado a partir dos depoimentos das mulheres, permitirá guarnecer informações e recursos para o desenvolvimento de intervenções clínicas, como também, fornecer subsídios para o fortalecimento de Políticas Públicas

que visem ao atendimento e à proteção das mulheres, no exercício de suas variadas funções.



CAPÍTULO I

*“Quando eles embarcam, soldados
Elas tecem longos bordados
Mil quarentenas”.*
*(Buarque, C. Música: Mulheres de
Atenas*

1. PRIMEIRA IMAGEM: CARTOGRAFIAS DO FEMININO - UM OLHAR SOBRE CULTURA E SUBJETIVIDADE

Nossa primeira imagem recorrerá a um conceito central, aqui, desenvolvido. Indica um lugar, uma paisagem, um movimento. O termo cartografia poderá nos remeter, imediatamente, ao trabalho, realizado pelos cartógrafos tradicionais que passam a construir, em tempo real, seus mapas, suas cartas geográficas, montadas, a partir das paisagens e dos territórios que se apresentam, em/no tempo real. Em nosso caso, o cartógrafo que se apresenta aqui, é, sobretudo, aquele que dará:

Língua para afetos que pedem passagem, dele se espera basicamente que esteja mergulhado nas intensidades de seu tempo e que, atento às linguagens que encontra, devore as que lhe parecerem elementos possíveis para composição das cartografias que se fazem necessárias (Rolnik, 1989, p. 15).

Nesse contexto, o tempo e o espaço, aqui apreciados, não serão, de maneira alguma, lineares ou cíclicos, formados de movimentos e conhecimentos, *a priori* bem delineados e compostos, impermeáveis e herméticos.

Ainda, de acordo com Rolnik (1989), o cartógrafo é aquele que necessita despir-se de todo e qualquer racismo ou pré-conceito, seja ele de ideias, concepções, teorias, linguagens, etc. Nos termos da própria autora:

Para realizar sua intenção, o cartógrafo papa matérias de qualquer procedência. Não tem o menor racismo de frequência, linguagem ou estilo. Nesta expedição, por exemplo, para traçar suas cartografias foi se aproximando de tudo o que encontrava pelo caminho, e também daquilo de que se lembrava (Rolnik, 1989, p. 291).

A proposta, para nós, se mostra clara. O desafio está posto e a sugestão é que nos deixemos afetar por um contínuo de linhas que liberam, incessantemente, novas conexões e reconexões. Tais linhas representam redes e territórios existenciais que, ao

mesmo tempo se desterritorializam, ou seja, nesse movimento, emerge a formação de novas paisagens.

E, no referido cenário, a autora supramencionada sugere que devemos nos deixar absorver e percorrer, por todos os elementos que nos pareçam essenciais para descrever melhor o mapa dos afetos que mais nos chama atenção (o delineamento da construção de determinados processos subjetivos da mulher contemporânea e as intercessões com o excesso de trabalho, domiciliar e extra-domiciliar). Algumas zonas de intensidade atravessaram a presente reflexão: nela, estiveram presentes matérias, advindas da História, Sociologia, Filosofia, Psicossociologia, Psicologia, entre outras disciplinas. “Pouco importam as referências teóricas do cartógrafo. O que importa é que, para ele, teoria é sempre cartografia, e sendo assim, ela se faz juntamente com as paisagens cuja formação ele acompanha”. (Rolnik. 1989. p. 66).

Como cenário propulsor para a perspectiva teórica desse estudo, apresentaremos alguns fenômenos presentes nos processos de subjetivação da mulher, compondo, dentro dos referenciais teóricos aqui propostos, algumas imagens de seu território existencial. Nessa trajetória, uma segunda imagem estrangeira se apresenta, mas não é apenas uma imagem. A partir dela vamos, também, realizar uma viagem que nos levará à Grécia, berço do pensamento ocidental.

1.1 Segunda Imagem: A Mitologia grega

Nessa viagem, convidamos dois importantes autores: Bulfinch (1999), com o seu “Livro de Ouro da Mitologia”; e Vernant (2001), com a obra “Os Semblantes de Pandora”. Os autores discutem, em seus respectivos livros, a importante contribuição da Mitologia para a constituição dos territórios existenciais da mulher.

O Mito de Pandora, por exemplo, conta a história que Zeus, O deus dos deuses, tivera um filho muito querido, chamado Prometeu. Esse era o filho com maiores qualidades e atributos humanos dentre todos os personagens míticos gregos. Por tais características, à revelia do pai, desobedeceu às ordens expressas de Zeus, que o proibiu terminantemente, de oferecer, aos humanos, o elemento fogo. Prometeu, pelo imenso apreço que tinha para com os mortais, desobedeceu a Zeus, o qual, pela transgressão do filho, imputou-lhe uma severa punição. Qual o castigo? Zeus cria a primeira personagem feminina, Pandora. Muito bela e envolvente, portava, sempre, em sua companhia, uma caixa - a famosa *caixa de pandora*, dentro da qual deviam ser preservados segredos. Mas, fora Pandora gerada para guardar segredos? Será que sua personalidade era capaz de manter a tal caixa, hermeticamente, fechada para sempre? Zeus, ao criá-la, fez tudo de modo premeditado, pois, entre as particularidades mais “preciosas” de Pandora, estava uma incontável curiosidade e incapacidade de manter segredos. Essa condição indica que seria impossível, para ela, conservar, por muito tempo, a caixa fechada. (Bulfinch, T. (1999); Vernant, J. P. (2001)).

A essa altura, Prometeu usufruía de toda a harmonia e paz, existentes na Terra e, em companhia, é claro, de sua amada Pandora. Fatalmente, como esperado, Pandora abre a caixa e confirma o destino, para ela, reservado, liberando todo o conteúdo, ali, presente. Mas, o que continha, mesmo, naquela caixa? Um número infindável de pestes, pragas, desilusões e doenças, até então, desconhecidos pelos seres humanos. Atribuiu-se dessa forma, a ela, a autoria e responsabilidade, pelo surgimento de todos os males da terra.

Percebemos, nessa história, que a construção do território existencial da mulher, enquanto ser autônomo, fora pautado por características de imensa desvalorização e desigualdade. Pandora, incapaz de manter silêncio e guardar segredos, foi oferecida

como punição. Será que, desse Mito, podemos retirar uma pequena demonstração do favorecimento da emergência de um discurso essencialista e universalizante, originado na Mitologia e que permaneceu intacto por muitos séculos, com estes ideais misóginos (de desprezo e aversão às mulheres)? Parece que sim!

Mas, a resposta não é tão simples, quanto parece. Percebe-se que esses ideais excludentes e preconceituosos, desde a origem mitológica, sobre a personagem feminina, foram tecendo e firmando alianças, com outros campos do saber, dentre os quais, dois territórios bastante férteis: a Biologia e a Medicina. (Laquer, 2001). Cada uma em sua especificidade, agenciando à sua maneira e discutindo “verdades”, sustentadas por muitos séculos. Impregnou-se, nessas duas áreas de saber, um poder de dizer a “verdade”, a respeito da mulher.

A despeito disso, Foucault (2007) apresentou, em seu livro: “A Ordem do Discursos”, como os discursos de verdade são construídos, a depender do campo do saber que o discurso emerge, principalmente, se o referido discurso vier de um seio, pretensamente, científico, ou seja, se estiver, na sua origem, uma verdade médica, psiquiátrica, sociológica, etc. Todos versarão, através do respectivo saber, sobre uma verdade que implica num poder acerca dos seus objetos de interesse. Ainda, de acordo com Foucault (2007), existe uma força incalculável, inserida nos princípios de cada ciência, de cada autor, produtores de um discurso capaz de autenticar uma prática, uma forma de pensar “naturalizada”, que atravessa séculos e colabora para os processos de subjetivação. Especificamente, referimo-nos aos campos de saber que dirigiram seus interesses ao estudo da mulher.

Foucault (2007, p.66) afirma que “a formação regular do discurso pode integrar, sob certas condições e até certo ponto, os procedimentos de controle (é o que se passa, por exemplo, quando uma disciplina toma forma e estatuto de discurso científico)”. Isso

nos revela que os saberes, locais ou universais, estão a serviço de interesses, sejam eles de ordens sociais, econômicas ou políticas.

Isso nos leva a pensar sobre as influências dessas ciências, nos modos de subjetivação da mulher, calcados, desde sua origem, num posicionamento ideológico de supremacia do homem, num modelo patriarcal, reinante por muitos séculos, sustentado e orientado ora pela Mitologia, ora pela Medicina ou Biologia (Laquer, 2001).

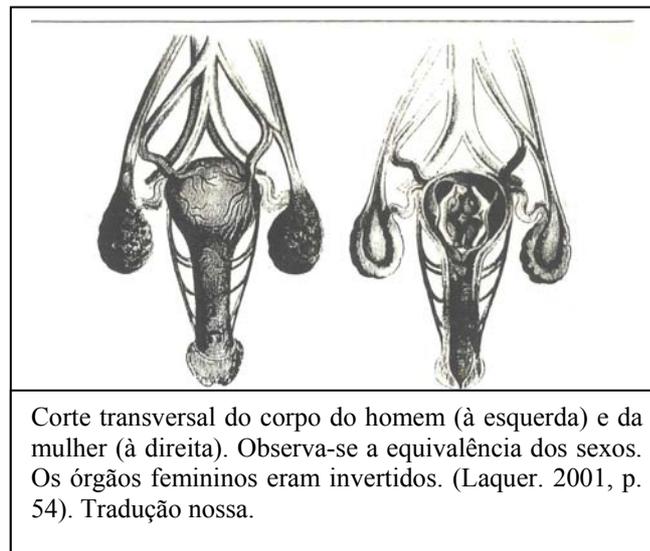
1.2 Da invenção do feminino ao feminino inventado

As pesquisas, realizadas pelo historiador Tomas Laquer (2001), oferecem grande riqueza para a elaboração deste estudo. O autor citado, em sua obra “Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud”, desenvolveu uma rica pesquisa, acerca das concepções que tínhamos sobre as questões, relativas ao feminino e masculino. Surpreendemo-nos ao verificarmos, nos documentos históricos, que, até o Século XVIII, inexistia a noção sobre a diferença sexual. Havia conhecimento de um único modelo de identidade sexual, de perfeição entre os seres. E este era o masculino. (Laquer, 2001).

Nesse contexto, a área de conhecimento, responsável para dar sustentação a essa teoria, era a Medicina. Nomes de grande importância deram consistência e consolidaram a este pensamento do sujeito masculino universal. E entre eles, Galeno, médico que viveu no século II d. C. Suas observações e experiências, realizadas com dissecação de cadáveres, mantiveram-se intactas e, altamente valorizadas, até meados do século XVIII. Mas, se existia apenas um “modelo”, no qual a mulher se posicionava? Os médicos respondiam da seguinte maneira e, sobre o corpo da mulher alertavam: “eram essencialmente homens, nas quais uma falta de calor vital – de perfeição –

resultara na retenção interna das estruturas que, no homem, são visíveis na parte externa” (Laquer, 2001, p.16).

A figura, a seguir, mostra o conhecimento, alcançado até o século XVIII, sobre o corpo do homem e da mulher.



O discurso médico marcava uma visão do conhecimento sobre o corpo da mulher, demarcando-o da seguinte forma: os órgãos sexuais internos da mulher eram equivalentes aos órgãos que, no homem, aparecem, na parte externa. Sendo assim, o útero representava a bolsa escrotal e os ovários, os testículos.

Tivemos - por quase dezenove séculos - a ideia universal e essencial da existência de um único sexo. Essa crença retirou, das mulheres, por muito tempo, sua autonomia e diferença. A Medicina, espécie de desmembramento da Biologia, esteve, por muitos séculos, a serviço da manutenção de tais crenças. Sobressaía um discurso hegemônico, médico e biológico, mais tarde apoiado pela Igreja. Com o tempo, os poderes (medicina, biologia e igreja) passaram a organizar toda uma ordem social, atribuindo às mulheres tarefas (do âmbito privado) para as quais sua capacidade, “naturalmente inferior”, fosse capaz de realizar (Costa, 1995).

Em contrapartida, retornamos às idéias de Foucault *apud* Faé (2004), quando reforça o imenso poder que está implícito na história das formações discursivas, que alimentam e legitimam a permanência de modos próprios sobre o pensar e o agir, nosso interesse específico: os modos de se “tornar mulher”. Essas formas foram agenciadas por saberes que naturalizavam características e comportamentos, transformando em natural o que era “fabricado”. A ordem das formações discursivas não ocorreu, de maneira linear e evolutiva ao longo do tempo; mas, sim, emergiu em meio a um jogo de forças que se atualizam constantemente. Nessas formações, o que está em pauta, não é nosso interesse em identificar “a origem”, “o meio” e o “fim”, numa busca de relação causa *versus* efeito. Pelo contrário, o que importa é avaliarmos as conseqüências, por vezes, devastadoras, das forças operadas por esses discursos nos modos de produção subjetiva da mulher. Nossa preocupação repercute com uma das indagações pensadas por Foucault (2007, p.8), quando pergunta a si mesmo: “Mas, o que há, enfim, de tão perigoso no fato de as pessoas falarem e de seus discursos proliferarem indefinidamente?”. Sua reflexão prossegue:

[...] Suponho que em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que tem por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório.[...]. Em uma sociedade como a nossa conhecemos, é certo, procedimentos de exclusão. (Foucault, 2007, p. 9)

A partir das reflexões desse estudioso, podemos dizer que a “anatomia do feminino” (seus modos de ser e pensar), até o século XIX, ficou proibida de circular em público e reivindicar direitos. Sua posição social “naturalmente” inferior era semelhante a de crianças e escravos.

As produções subjetivas da mulher foram passando por essas diversas influências, dentre as quais já citamos a mitologia, medicina, biologia e igreja. Os campos de conhecimento dessas instituições mantiveram-nas excluídas das atividades

públicas, por muito tempo. A produção subjetiva dessa época repercutiu num comportamento dócil e disciplinado, por parte das mulheres. Era-lhes interdita qualquer forma de manifestação ou inquietação, sob o risco de duras penalidades, caso desobedecessem às ordens e normas estabelecidas.

1.3 Esse dispositivo de ordem e poder sobre a mulher manteve-se intacto?

Foucault (1986), ao tratar das formas como se organiza a sociedade, pensou no termo “dispositivo”, com uma função e sentido, capaz de expressar a complexidade das formações e dos modos de viver, criados e legitimados socialmente. O dispositivo reflete “um conjunto heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas” (p. 137).

O dispositivo tem como principal função exercer o controle a serviço de um saber dominante. Assim sendo, o dispositivo exerceria seu poder, sem manifestações? Sua força é capaz de manter silenciosos aqueles que se submetem a ordem estabelecida? Veremos.

Quanto a isso, Foucault (1986) pronuncia-se, afirmando que, nas margens dessa cultura excludente-dominante, os indivíduos, postos à margem da sociedade, constroem territórios de resistência às ordens deterministas que se fazem sempre presentes. Dessas linhas de fuga, como preferia denominar Deleuze (1993), surgem os “movimentos de desterritorialização: elas não implicam qualquer retorno à natureza; eles são as pontas de desterritorialização nos agenciamentos do desejo” (p. 19).

Assim, podemos pensar que, mesmo o argumento secular de “naturalmente inferior”, não era suficiente para manter intocáveis tais regras. Como já dissemos, os médicos daquela época (séc. XVIII) utilizavam-se do dispositivo do saber para

convencer as mulheres de que foram “projetadas”, pela natureza, com uma capacidade inata e perfeita para procriar e amamentar. E, mesmo mantendo-se intactas tais “verdades”, algumas mulheres, desse mesmo período, reagiram e se negaram a aceitar incondicionalmente, tais crenças.

A sociedade, orientada pelos campos do saber, impôs certas normas e valores, mas as rupturas culturais surgem, continuamente, embora não operem com os mesmos ritmos das transformações subjetivas (estas ocorrem mais lentamente). Um exemplo disso é que, mesmo depois de questionadas as teorias que sustentavam a condição *sine qua non* da maternidade, como forma única de realização plena para as mulheres, ainda assim muitas mantinham dedicação exclusiva a essa função, por acreditarem nas informações veiculadas e no “naturalmente programado” pela natureza.

Enquanto algumas mulheres, após século XVIII, avançavam, maciçamente, na conquista da esfera pública, outras mantinham-se nos cuidados com a casa e os filhos. Pode-se afirmar que os processos subjetivos, de evolução e transformação da mulher, ocorrem numa série de fluxos e refluxos, conexões e reconexões, junções e disjunções. Transversalizados por novos e velhos modos de coexistência.

1.4 Operando segundo Rizomas

Um conceito bastante utilizado e apresentado, nos estudos de Deleuze & Guatarri (1995) é o *modelo do rizoma*. Os autores aludem para o fato de que o olhar oferecido para compreender os fenômenos e contextos culturais, propõe uma reflexão que deveria negar, veementemente, os referenciais identificatórios, fixos e imutáveis (sistema arborizante), que apontem para pontos de chegada ou pontos de partida aos impasses estudados.

O sistema rizomático, se aventura, por linhas mais flexíveis, que se atravessam permanentemente, entre os fenômenos e fatos, dando passagem para elos contínuos que se comunicam, entrecruzam e interpenetram. Assinalam Deleuze e Guatarri (1995), sobre o modelo rizoma:

O rizoma conecta um ponto qualquer com outro ponto qualquer e cada um de seus traços não remete necessariamente a traços de mesma natureza; ele põe em jogo regime de signos muito diferentes[...] o rizoma se refere a um mapa que deve ser produzido, construído, sempre desmontável, conectável, reversível, modificável, com múltiplas entradas e saídas, com suas linhas de fuga. (p. 32-33).

A relação, aqui proposta, é de oposição ao sistema de árvore-raiz. Me explico. O sistema arborizante, revela um conjunto de elementos claro e facilmente observáveis. Trabalha-se nesse plano, de modo linear, rígido, e com princípios de causa e efeito (como os vistos, na estrutura de uma árvore, composta por raiz, tronco e copa).

O rizoma apresenta uma possibilidade de pensar os múltiplos exercícios da mulher de forma não dicotomizada e não hierarquizada. Nessa perspectiva, os conceitos se remetem, se comunicam por uma verdadeira cartografia de multiplicidades. Na experiência rizomática, não se “supõem nenhuma unidade, não entram em nenhuma totalidade e tampouco remetem a um sujeito[...] seu modelo de realização, não é uma hierarquia da árvore-raiz, mas a pluralidade” (Deleuze, G.; Guatarri, F. 1995. p. 8).

Tal condição opera segundo princípios de conexões, disjunções e heterogeneidade, o que permite que elementos se liguem a quaisquer outros. No rizoma, reflete-se a ocorrência de interpenetrações e fusões que são identificadas nos processos de produções subjetivas. Pensar através do sistema rizoma insere a possibilidade de ampliar a compreensão acerca das questões referentes à subjetividade da mulher.

Se a subjetividade tem seus modos próprios de funcionamento, de acordo com a cultura a que pertencemos, é pertinente lançar algumas perguntas: “o que entendemos então, por cultura e subjetividade?” e “nossa cultura produziu figuras de subjetividade

feminina, sob quais modos?”. Para essa reflexão, faz-se necessário abordar o tema da cultura, indissociável, que é, da subjetividade. Prosseguiremos, então, no passo dessas reflexões.

1.5 Cultura e Subjetividade: olhares que se cruzam!

De acordo com Laraia (2006), o termo cultura tem origem germânica, inicialmente conhecido por “kultur”, e significava a simbolização dos aspectos espirituais das sociedades humanas. Assim, cada povo apresentava diferentes formas de simbolização e, por isso, diferentes paisagens culturais se apresentavam. A palavra “civilizacion” era utilizada para se referir aos ganhos tecnoeconômicos (esfera material) de um povo. Edward Tylor (1832 – 1917) *apud* Laraia (2006) condensa essas duas denominações e as substituem por “culture”, que representava, “todo esse complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade”. (Laraia, 2006, p.25).

Para Laraia (2006), essa definição abriga uma infinidade de possibilidades de realização humana, que passa a atribuir à cultura uma grande responsabilidade pela formação dos modos de funcionamento de um povo, em oposição à ideia do herdado biologicamente.

Assim, podemos acrescentar ao conceito de cultura aquilo que Barrio (2005:28) definiu como “aos modos de viver e conceber a existência por parte de um determinado grupo”. Aqui, mais uma vez, se escapa das malhas do determinismo biológico e individual, mas não das representações simbólicas presentes “nos modos de viver e conceber a existência”. Considerando isso, esses modos de vida diferem de um grupo

humano a outro adquirindo valores emblemáticos e afetivos; aliás, é justamente por esse caráter afetivo que a transmissão cultural se integra e atravessa gerações.

Félix Guatarri & Suely Rolnik (2004), na obra “Micropolítica: cartografias do desejo”, consideram e nos apontam para os perigos da produção capitalística (referente ao domínio econômico no ocidente). Carregada de forte componente emocional e, amparada numa tendência mundial, extramamente interessada em homogeneizar a sociedade, “produzem” sujeitos que se comparam a uma espécie de máquina mecânica, feita de uma mesma engrenagem, trabalhando, sempre, os mesmos eixos e funcionamentos. Essa produção do mesmo, como preferem denominar os autores, é designada como serialização capitalística, ou seja, se espera produzir sujeitos individuados (diferente de singular); resultados de uma produção de massa.

Embora comumente utilizados como sinônimos, individual e singular, são termos radicalmente diferentes e, sendo assim, a apreensão da subjetividade, no individual e no singular, desenvolvem-se de modos absolutamente diferenciados. Vejamos.

O indivíduo é resultado de uma produção em série, denominada homogeneidade (a produção é sempre produção do mesmo). Fruto de um produto e de uma produção capitalística, serializada, registrada e modelada. Desse conjunto, resulta, sobre os indivíduos, um modo de subjetivação controlada. Ao qual reiteram, Guatarri e Rolnik (2004, p. 16):

Essa cultura de massa produz, exatamente, indivíduos; indivíduos normalizados, articulados uns aos outros segundo sistemas hierárquicos, sistemas de valores, sistemas de submissão muito mais dissimulados. Eu eu nem diria que esses sistemas são “interiorizados” ou “internalizados” de acordo coma expressão que esteve muito em voga numa certa época, e que implica uma idéia de subjetividade como algo a ser preenchido. Ao contrário, o que há é simplesmente uma produção de subjetividade”.

Já a singularidade, por sua vez, segundo Benevides (1994, s/p) se inscreve no “domínio da ruptura, da afirmação de potência, do escape do naturalizado [...] singularizar é inventar, criar outros modos de existência que não terminem por sobre codificar as experiências”, prioriza-se o devir criativo e diferencial, que opera, a partir de uma heterogênesse (alternância do tipo de reprodução, polifônico e múltiplo).

É possível desenvolver modos de subjetivação singulares, aquilo que poderíamos chamar de *processos de singularização*: uma maneira de recusar todos esses modos de encodificação preestabelecidos, todos esses modos de manipulação e de telecomando, recusá-los para construir, de certa forma, modos de sensibilidade, modos de relação com o outro, modos de produção, modos de criatividade que produzam uma subjetividade singular. Uma singularização existencial.” Grifos dos autores.

É pertinente lembrar que, no processo de subjetivação das mulheres, havia aquelas que acolhiam, sem reflexão, as assim chamadas, únicas verdades, e outras questionavam as “obrigações” que lhes eram imputadas.

De acordo com Foucault (1986), desde que o regime econômico-social não seja totalitário, as leis - mesmo que impostas, injustas e desiguais – comportarão, em seu bojo, grupos que oferecerão resistência, de modo que, jamais as sociedades ou comunidades aceitarão as leis, simplesmente. Ainda, para Foucault, é necessário que algum poder e benefício se vincule até mesmo àquelas que, por ventura, sejam prejudicadas. Um exemplo disso está no caso de leis criadas, no início do século XIX, para manterem as mulheres, confinadas no espaço doméstico. Como ganho, elas acreditavam na grande importância social de criar bem seus filhos, para a sociedade.

Vejamos o questionamento, realizado por Foucault (1986, p.75) no qual afirma:

Se o poder fosse somente repressivo, se não fizesse outra coisa, a não ser dizer não, você acredita que ele seria obedecido: o que faz com que o poder que diz que não, mas que de fato permeia, induz ao prazer, forma saber é também o direito à dominação, que ocorre numa cadeia de direito na qual a cada indivíduo delega-se uma parcela que tem ligação direta com o tipo de saber de cada um.

No referido cenário, toda e qualquer mudança efetiva, na subjetividade, passa, primeiro, por uma mutação do campo social. A subjetividade “não se situa apenas no campo individual, seu campo é o de todos os processos de produção social e material”. (Deleuze, G., Guatarri, F. 1995, p. 15).

Tanto esse vasto campo social, quanto o material, podem, metaforicamente, corresponder a uma máquina repleta de peças infinitas disponíveis à montagem de outras subjetividades, dadas por conjunções, disjunções e injunções de forças e funcionamento. Essa máquina corresponde “aquele que tenderia a produzir singularidades subjetivas” (Francisco, A. L. 2000, p. 75).

A subjetividade, então, quando comparada a uma espécie de engendramento maquínico, é composta de uma peça que representa uma complexa máquina. Desse ponto de vista, o sujeito é o produto e produtor de uma infinidade de conexões, sejam elas de natureza infrapsíquica (percepções, sensibilidades, afetos, desejos, representações, imagens); de natureza extrapessoal ou extraindividual (suscetíveis a forças econômicas, tecnológicas, midiáticas, sociais, etc). (Guatari, F. Rolnik, S. 2004).

O funcionamento da subjetividade é produzido por inúmeras formas de discursos, enredados e engendrados por um número bvariável e infinito de realidades. O seu caráter, assim como assinalado por Francisco (2000, p. 72-73), “é predominantemente de rede e de devires, de virtualidades que permitem possibilidades infinitas de comunicação que se firmarão ou não como territórios existenciais”.

Nessa perspectiva, os processos de subjetivação se configuram a partir de múltiplas multiplicidades e polifonias, sendo assim, não se pode centrá-las, de forma linear e cristalizada (Op. Cit. 2000).

A subjetividade se realiza, a partir da interação de diversos níveis: individuais (com o funcionamento de instâncias intrapsíquicas, egóicas, microssociais) e grupais.

Esses processos estão, mutuamente, interligados e entrecruzados, levando-nos a considerar a subjetividade numa relação dialógica entre indivíduo e sociedade. Em síntese:

Tratar-se-ia, pois, de uma subjetividade heterogênea, dada a diversidade dos componentes que concorrem para sua produção, em incessante processo de conexões e disjunções, de fluxos e refluxos, gerando produtos, eles mesmos compondo novas produções (Francisco, A. L. 2000, p. 15).

Diante dos complexos processos de subjetivação, compreendemos, também, que “a subjetividade é essencialmente fabricada e modelada no registro social”. Assim, o impacto desses processos dá lugar a uma produção subjetiva bastante característica, nascido de mudanças sociais e tensões radicais entre novas e antigas formas de existência. Essa coexistência emancipou sujeitos, sugerindo e oferecendo novos posicionamentos e territórios de existência (Guatarri, F., Rolnik, S. 2004, p. 31).

Também reconhecemos que muitas das formas de funcionamento da mulher, na atualidade, permanecem num diálogo direto entre antigas formas e padrões de existência (resíduos culturais e subjetivos), quando delegava-se à mulher a responsabilidade integral pelos cuidados da casa e dos filhos, assim como, do surgimento de novas paisagens, diga-se, a saída do espaço privado e, ocupação maciça no mercado de trabalho que acompanhou um movimento e mudança da ordem econômica.

A partir do referido cenário de transformações e coexistências de formas de funcionamento novos e antigos, refletiremos acerca do projeto da modernidade e dos efeitos desse, nos modos de subjetivação da mulher.

1.6 O lugar da mulher na modernidade?

A análise da modernidade, com ênfase na cultura, realizada pelo sociólogo Anthony Giddens (2003), tem como uma de suas preocupações iniciais empreender uma

reflexão sobre o que é a modernidade. Como primeira aproximação, afirma: “modernidade” refere-se a estilo, costume de vida ou organização social que emergiu na Europa, a partir do século XVII, e que, ulteriormente, se tornaram mais ou menos mundiais em sua influência”. (p. 8).

Dessa reflexão, concebe-se a modernidade como “um modo de ver” e responder às questões humanas, diferenciando-as das antigas formas de funcionamento. As tensões produzidas entre as “velhas” e as “novas” formas de funcionamento foram fundamentais para abalar as certezas que, até então, os homens possuíam em relação “ao estilo, costume de vida e organização social”, como dissera Giddens (2003, p.8).

Ainda, de acordo com esse autor, ressalta-se que os “modos de vida produzidos pela modernidade nos desvencilharam de todos os tipos tradicionais de ordem social, de uma maneira que não têm precedentes”. (Op. Cit, 2003, p.10). Para esse autor, a modernidade marca um tempo das discontinuidades e da heterogeneidade. Com isso, podemos compreender que se novos modos de ser emergiram, também novas figuras de subjetivação se configuraram.

A mudança estrutural dessa época foi, profundamente, marcada pela fé do progresso planejado da humanidade, cunhado pelo desejo de igualdade, liberdade e fraternidade. O desmantelamento dessa promessa trouxe uma hipertrofia nos pilares que oferecia sustentação ao projeto da modernidade, o que acarretou uma série de conseqüências ao homem moderno. Veremos.

A análise, realizada por Hall (2001) assinala o homem moderno como um ser híbrido e móvel, marcado, sobretudo, pela fragmentação. Acrescenta-nos Hall (2001,p. 9):

Um tipo diferente de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas [...] fragmentou-se as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como

indivíduos sociais. Estas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando a idéia que temos de nós próprios como sujeitos integrados.

Essas mudanças e variações, conforme dissemos anteriormente, foram mais profundas que a maioria das alterações, encontradas em períodos anteriores. As transformações da modernidade destacaram-se, tanto em sua extensionalidade, quanto em sua intensionalidade. No plano extensional, surgiu uma era denominada digital que serviu para estabelecer formas de interconexão e comunicação social, em todo o mundo. Na intensionalidade, alterou-se as mais íntimas e pessoais características da existência cotidiana (Hall, 2001; Giddens, 2003).

Nesse aspecto, Tavares e Irving (2007, p.97) complementam:

Essas transformações, no campo da identidade, ocorrem através dos conflitos e da fragmentação cultural, simbólica e social, o que leva ao sentido da política de fragmentação ou “pluralização” de identidades.

A partir dessas transformações, o sociólogo Zygmunt Bauman (2004) propõe pensar a sociedade moderna, através da noção de “modernidade líquida”, na qual, evidencia-se uma freqüente fragilização dos laços afetivos. Nessa, o homem moderno contextualiza-se numa “lógica de um mal-estar, que sublinha a ordem, a pureza, o prazer, a liberdade e, sobretudo, o consumo” (p.36).

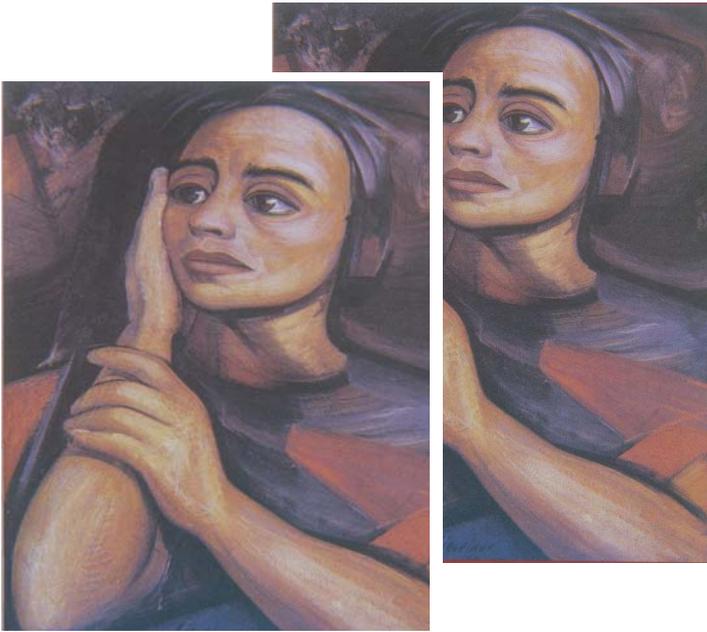
Diante do exposto, poderíamos dizer que o lugar da mulher na atualidade é multivariado, composto de diversas atividades, tanto públicas quanto privadas, apresentando polarizações antinômicas e densidades variadas.

As mulheres que compuseram a presente pesquisa abarcam, em suas rotinas, novas e velhas formas de funcionamento, agregando responsabilidades sem abrir mão do lugar, outrora, lhe destinado: o espaço privado.

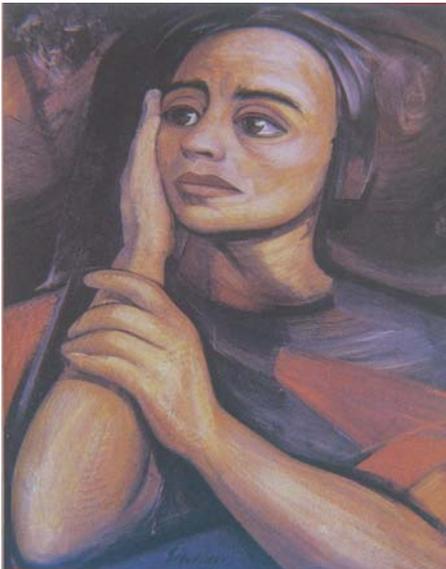
Dessas múltiplas atividades, algumas formas de mal-estar foram observadas e, os sobrepesos de atividades acrescentado aos excessivos compromissos, diversas

manifestações de sofrimento foram percebidas, sobretudo aquelas que repercutiram diretamente, sobre a sua saúde.

No capítulo II, debruçaremos nosso olhar para o panorama da mulher brasileira contemporânea, na sua trajetória econômica, profissional e intelectual, assim como nos impactos dessas conquistas, sobre a saúde.



CAPÍTULO II



*“Olha
Será que é uma estrela
Será que é mentira
Será que é comédia
Será que é divina”.*
(BUARQUE, C. Música:
Beatriz).

2. OS DESTINOS DA MULHER NA CULTURA CONTEMPORÂNEA

No capítulo anterior, buscaram-se operadores conceituais que subsidiaram a montagem da cartografia da mulher, fruto de nosso interesse. Algumas pontuações foram feitas, acerca da importância de pensar a história das mulheres e, a partir dessas observações, caracterizarmos como se deu a passagem da concepção monista - do homem como modelo único de perfeição metafísica entre os seres para uma noção dualista do ser; masculino ou feminino. Essa ruptura e inclusão estiveram acompanhadas, principalmente, no século XIX, do rompimento das fronteiras entre homem (representante do público) e mulher (representante do privado). A partir dessas mudanças e deslocamentos, sobretudo do foco da mulher, o destino delas modificou-se e configurou um novo *topos*.

Conforme descrição de Arán (2003), os movimentos supramencionados repercutiram nos modos de ser da mulher provocando “uma mudança em suas vidas, em suas escolhas profissionais, em seus desejos e em suas relações [...] hoje, segue diferentes caminhos, não necessariamente traçados pelo que, no século passado se anunciou como sendo sua natureza”. (p.399)

Nesse sentido, o presente capítulo visa se ocupar-se dos papéis, lugares e funções do feminino, na cultura contemporânea. Para isso, teremos a companhia constante dos dados sobre as condições sociais, econômicas e políticas em que vive a mulher brasileira.

Atributos seculares, como frágil, inferior, dependente e sensível, já não correspondem mais à mulher da atualidade. A situação da mulher, na contemporaneidade, se complexificou e receberá destaque neste capítulo. O primeiro desafio consiste em cartografar, através de dados demográficos e socioeconômicos, quais são as condições da mulher de dupla jornada de trabalho, frente ao contexto social

na atualidade, observando, também, os impactos na sua saúde, decorrentes do exercício dessas múltiplas funções.

2.1 Por uma *démarche* da mulher em questão!

Ao reconhecer a complexidade do tema, e apoiado na multiplicidade de mulheres, encontradas no contexto da atualidade, a *démarche*, ou demarcação de trabalho, dirige-se àquelas mulheres, com jornada de trabalho, no âmbito privado e advindas de categorias profissionais que exponham a saúde a riscos, ou seja, mulheres de toda atividade profissional que resulta numa exposição moderada à saúde da trabalhadora, como, por exemplo, as taxistas, guardas noturnas, seguranças armadas, policiais, entre outras (Codo, W. 2004).

Compreendemos que, por si só, trabalho, associado a perigo, já apresentaria, uma maior exigência (física e emocional) para essas mulheres. Soma-se a isto, a jornada de cuidados com a casa e com os filhos. No processo interacional dessas dimensões, com múltiplos eixos problemáticos, exige-se por parte das mulheres um duplo movimento. O primeiro, consiste numa inventividade para não sucumbir aos excessos. O segundo ocorre, quando falha o primeiro movimento. Desse modo, surge o adoecimento como expressão do excesso. Vale salientar que, nesse contexto, o sintoma representa uma demanda por mudança. De acordo com Safra (2004), no sofrimento, encontra-se uma possibilidade de criação e de desejo por novos horizontes existenciais.

A interação entre diversas responsabilidades mostrou-se, frequentemente, observado no grupo de mulheres estudadas. Para o qual se observou uma produção subjetiva bastante específica, a qual convocam todas essas mulheres, em graus diferenciados, a maiores desdobramentos, sejam eles de ordem física, mental ou material (Couto-oliveira, 2007).

Para tanto, se fez necessário buscar referenciais através dos dados demográficos, para assim, verificar a situação das mulheres com desempenho de múltiplas atividades no contexto da atualidade.

Nessa perspectiva, propomos um encontro entre dados coletivos (encontrados nos dados demográficos), e singulares, contempladas (no capítulo IV) a partir da análise de cada uma das entrevistadas.

2.2 Panorama da desigualdade: o perfil da mulher brasileira

Segundo relatório global da UNIFEM (2008/2009), sobre o progresso das mulheres no mundo, elas representam maior parte da população pobre, em todo planeta. Esse dado caracteriza o que fora denominado, por Diniz (2004), como “feminização” da pobreza. Embora ocupem mais de 60% da força de trabalho, no mundo, esses postos são ocupados por mulheres, estão, na maioria, no mercado informal e em posições mais precárias. Dados, como esses, apontam para uma maior exposição da mulher a condições inóspitas e inadequadas de existência. Isso reflete ameaça às diversas áreas de sua vida (afetiva, profissional, familiar, social, entre outras), representando, assim, uma parcela vulnerável da população. Os dados, também, evidenciam as dificuldades e insatisfações, nos níveis financeiros (geração e consumo de bens), dificultando a inclusão social.

O contexto brasileiro manifesta suas especificidades, sem apresentar vantagens significativas, em relação aos dados mundiais, anteriormente apresentados.

O contingente populacional feminino do Brasil é maior que o masculino. Elas representam 51,2% da população brasileira, aproximadamente, 89 milhões. O número de mulheres, apontadas como pessoas de referência (econômica), na família, cresceu substancialmente. Entre os anos 1996 a 2006, passaram de 10,3 milhões para 18,5

milhões, o que representa, em termos relativos, um aumento de 79%, enquanto os homens cresceram 25%, nesse mesmo período, como pessoa de referência da família. O aumento da chefia feminina ocorreu, nas famílias compostas por casal com ou sem filhos. Certamente, essa maior representatividade, como pessoa de referência da família, se deve a uma maior participação da mulher, no mercado de trabalho e, conseqüentemente, a uma maior contribuição para os aspectos econômicos da família. Contudo, o aumento mais significativo, como pessoa de referência, ocorreu nas famílias que não contavam com a presença do marido. Em suma, apenas 4,3% ocupam cargos de dirigentes, em geral (IBGE, 2007, p. 204-207).

De todas as regiões brasileiras, a Região Metropolitana do Recife obteve o maior percentual de famílias, chefiadas por mulheres e com ausência de companheiro ou cônjuge, nos lares. As mulheres, nessa condição, representam 35,9%. Segundo o IBGE (2007), esse fenômeno corresponde ao fato de que cuidar dos filhos é uma das tarefas mais difíceis e o investimento, em uma nova tentativa de constituição familiar, não ocupava no momento das entrevistas em primazia para essas mulheres, “uma vez que recaem sobre elas, neste caso, não somente a responsabilidade pelo sustento da família, mas grande parte dos afazeres domésticos e todo o processo de educação e cuidado dos filhos” (Op. Cit. p. 206).

Embora, nos últimos anos, os níveis de escolaridade feminina, tenham aumentado, os índices ainda, são muito baixos. Do total de pessoas que frequentavam a universidade, até 2005, 55,3% eram mulheres. E em 2006, esse número cresceu para 57,5%, apontando crescimento, na inserção das mulheres nos cursos de nível superior, o que aumenta, proporcionalmente, a média de estudo da mulher brasileira. Esse dado, porém, não significa que mais de 50% da população feminina esteja nas universidades, mas que, quando comparado ao contingente masculino, nas universidades, elas

representam maioria. De todo contingente feminino, 59% delas não chegaram a completar o Ensino Fundamental (18% com primário incompleto e 13% completo, outras 18% não completaram até a oitava série, percentual que chegou, apenas, a 10%).

A pesquisa IBGE (2007), ainda, revela que 27% atingem o Ensino Médio (11% incompleto, 16% completo) e que, apenas, 6% alcançam o nível superior (3% ainda incompleto, 2% graduada e 1% com pós-graduação).

Ainda, de acordo com os dados do IBGE (2007), a maior desigualdade encontrada entre homens e mulheres se refere à divisão das tarefas domésticas. Pouco mais da metade dos homens (51,4%) realizam atividades de âmbito privado. Diferença significativa, se comparada às nove entre dez mulheres que possuem atribuições de cuidado com a casa e os filhos.

Para as mulheres, a saída para o mercado de trabalho não significa deixar de fazer tais atividades, pelo contrário, a participação delas quando ocupadas é ainda maior (92%). A elevada distância que existe entre homens e mulheres com relação a este aspecto não permite afirmar que há uma divisão de tarefas domésticas nos lares brasileiros, embora, nos últimos 10 anos, os dados indiquem uma maior participação dos homens nos afazeres domésticos. (IBGE, 2007, p. 207).

Com relação ao número de horas semanais, dispensadas às atividades domésticas, as mulheres dedicam mais que o dobro dos homens, nessas tarefas (média de 24 horas por semana).

Entretanto, o número de lares, chefiados, apenas, por mulheres, também tem aumentado, sobretudo nas áreas urbanas. A Região Metropolitana do Recife cresceu de 18% para 25,5% de famílias monoparentais femininas, ou seja, de mulheres que sozinhas, assumem, economicamente, a família. Essa configuração justifica-se não somente pelas condições culturais dos grandes centros que oferecem maior liberdade de comportamento.

Outro princípio comprovado empiricamente é que, quando a chefia é feminina, 80% dos arranjos não contam com a presença do cônjuge

masculino. Duas principais hipóteses podem ser formuladas com vistas a explicar o aumento continuado desse tipo de arranjo no momento atual: o “empoderamento” das mulheres por um lado, e o desemprego dos homens (IBGE, 2007, p. 86).

De acordo com Diniz (2004), o mundo do trabalho, por ser, extremamente, diverso, faz com que os tipos de funções exercidas repercuta, seriamente, nos modos de subjetivação dos sujeitos e em “questões como a multiplicidade de papéis, e a sobrecarga advinda dos mesmos, além de pressões e sanções sociais. Tudo isso é fonte de estresse constante e tem repercussões importantes na saúde da mulher” (p.106).

Esse referencial empírico acerca do acúmulo das atividades, desenvolvidas pelas mulheres, é fundamental para a compreensão dos valores comportamentais e culturais que, mesmo vistos atualmente, são reflexos de uma produção histórica secular, que representava a mulher a partir das funções reconhecidas como essencialmente femininas (cuidado com a casa, filhos e marido).

No nível do comportamento, e na inserção de outras atividades, as mulheres, desde o século XIX, passaram a ocupar, maciçamente, as esferas públicas, mas sem deixar de lado, as atividades, outrora, desempenhadas. Portanto, no nível subjetivo, de mudanças internas, as alterações ocorrem, de modo mais lento que no cultural. Conforme assinala Hillesheim (2004, p. 45):

No entrelaçamento que existe entre o trabalho e a família, para as mulheres, a positividade do trabalho tem como base o trabalho doméstico que, muito além do sentido concreto de lavar, passar, cozinhar, limpar e arrumar, significa, junto com a maternidade, o substrato fundamental da construção da identidade feminina, definindo um jeito de ser mulher.

Vale, ainda, mencionar que a análise do rendimento familiar é, particularmente, relevante para avaliar o nível de bem-estar das famílias, à medida em que o acesso a bens e serviços contribui, como forte elemento estratégico de sobrevivência. Constitui-se, então, como um vetor de grande potencialidade para a melhoria das condições

concretas de existência: moradia, alimentação, educação, saúde e lazer (Couto-oliveira, 2007).

Segundo o IBGE (2007), o valor do rendimento básico, encontrado nas famílias brasileiras, gira em torno de R\$ 596,00. Contudo, em mais da metade dessas famílias, o rendimento está abaixo de R\$ 350,00. No tocante à distribuição de renda, por classes (baixa, média e alta), os dados encontrados na Região Nordeste são os mais preocupantes do país. Cerca de 70% das famílias monoparentais femininas dessa Região são pobres e sustentam seus familiares, com menos de R\$ 116,00, por pessoa (IBGE, 2007, p. 87).

Esse critério para definição de pobreza, dado pelo IBGE prioriza o enfoque monetário. Desse modo, é definido/a como pobre aquele que contar com uma renda *per capita* igual ou abaixo de ½ salário mínimo.

2.3 Mulher: carreira e família

Segundo pesquisas, publicadas por Diniz (2004), o acúmulo de atividades, desempenhadas pela mulher, tem constituído um importante fator de liberdade, mas, também, de risco. Por um lado, o trabalho remunerado possibilitou uma autonomia e permitiu uma maior participação no consumo de bens e serviços, por outro lado, o excesso de atividades culminou numa maior vulnerabilidade em termos de saúde, especialmente, a saúde mental. Diniz (2004) aponta três fatores principais de vulnerabilidade para a mulher atual: o empobrecimento da população feminina, a violência e as múltiplas jornadas de trabalho. Esse acúmulo representa riscos e prejuízos e é fruto dos estereótipos e papéis, atribuídos à mulher.

Segundo Rocha-Coutinho (2004), embora encontre um número expressivo de mulheres, no mercado de trabalho, elas atualmente, independente de sua condição

socioeconômica, “ainda oscila muito entre os dois modelos femininos a que esteve exposta: a “boa” mãe, que sobrepõe a família a qualquer outra atividade [...] e a profissional, competente e independente” (p.57).

A pesquisa realizada por Couto-Oliveira (2007), sobre mulheres pobres residentes em Brasília, verificou que a exposição à qual estão sujeitas suscita vulnerabilidades e incide, potencialmente, na prevalência de alguns problemas físicos e mentais sobre a população estudada.

Desse modo, apesar dos discursos modernizantes, encontrados nas mulheres da atualidade, percebe-se uma cobrança demasiada, por parte delas, em relação a si próprias e às suas vidas familiares. “Parece, assim, que, ainda hoje, é na interseção carreira-família que vão se configurar os maiores impasses enfrentados interna e externamente por grande parte das mulheres em seu percurso singular de atuação nos mundos público e privado” (Rocha-Coutinho, 2004).

Pensando nessas questões que acompanham a mulher, a Fundação Perseu Abramo (2001) realizou pesquisa com mostra representativa da população feminina. Nela, analisou-se a mulher brasileira, nos espaços público e privado - como vivem e o que pensam as brasileiras, no início do século XXI. Foram observados os modos de viver da mulher atual e foi traçado, entre outros aspectos, um perfil sócio-demográfico da mulher brasileira: as percepções de suas condições e problemas atuais, seus conceitos acerca do feminino e masculino, sua participação na cultura e política; suas expectativas e níveis de satisfação com a vida, trabalho doméstico e remunerado.

Sobre trabalho remunerado, 53% delas fazem parte da população economicamente, ativa, mas dessas, somente 17% ocupam postos de trabalho formal, outras 23%, informal e 12% ,desempregadas. Fora da população, economicamente,

ativa somam 47%, representadas por donas-de-casa, aposentadas, desempregadas e estudantes.

Duas, entre cada três brasileiras (65%), avaliam que suas vidas melhoraram, quando comparadas, há duas ou três décadas. Para 25% delas, porém, a vida piorou. Mas, quais aspectos estão envolvidos nesse processo de avaliação? Segundo os dados dessa mesma pesquisa, a vida da mulher melhorou porque o destino de sua condição dita “feminina” mudou. Foram apontados, como aspectos de melhoria na qualidade de vida: a possibilidade de inserção no mercado de trabalho, liberdade e independência de agir mais livremente, e a conquista de direitos mais justos, quando comparada aos homens.

Os papéis de mãe e esposa apareceram, com menor frequência, no que tange as fontes de realização feminina. Segundo elas, o acúmulo de responsabilidades, na criação dos filhos, e a falta de autonomia decorrente do vínculo com o marido representam alguns pontos negativos.

Dificuldades e excesso de responsabilidades, atribuídas principalmente à dupla jornada de trabalho, o doméstico e o remunerado, são lembrados por 11% como definidores da situação atual da mulher. Outros componentes negativos apontados são as discriminações no mercado de trabalho, tanto de funções como de salários e o preconceito social que lhes reserva discriminações e um lugar inferior em relação aos homens. E uma maior exposição à violência (Fundação Perseu..., 2001, p. 5).

Chama atenção o fato de que mulheres, ao mesmo tempo em que apontam as duplas cargas de trabalho e a responsabilidade com filhos como os pontos mais negativos em ser mulher, depositam, na possibilidade da maternidade, um dos melhores aspectos de suas vidas. Nota-se, desses discursos, uma coexistência de novas e antigas formas de atuação. (Priore, 2001).

Outro dado verificado foi que, se pudessem escolher livremente, cerca de metade das mulheres optaria por ter uma profissão e trabalhar fora, dedicando-se,

menos, às atividades domésticas e à família, enquanto 38% delas prefeririam, se possível, dedicar-se mais às atividades domésticas e à família, deixando o trabalho fora de casa em segundo plano.

Sobre a divisão das tarefas domésticas, com os companheiros, 87% delas concordam que deveria haver maior participação masculina. Por outro lado, se houver filhos pequenos, elas concordam (86%) em permanecer em casa, enquanto o homem trabalha fora e os filhos cresçam.

2.4 Reflexões sobre *stress* e *burnout*

A sensação dolorosa, seja de qualquer origem, é o indicador que algo não vai bem: sua intensidade, seus sinais e sintomas, assim como sua frequência podem variar e desenvolver uma série de doenças. Pesquisadores têm descoberto, nas últimas décadas, que existem patologias próprias das relações de trabalho ou do quanto a relação da subjetividade do trabalhador *versus* trabalho pode gerar adoecimento.

Das doenças ou dificuldades, mais comumente, encontradas, no mundo do trabalho, está a síndrome de Burnout. Assim é chamada a síndrome que deve o nome ao termo inglês “to burn out”, que significa “queimar por completo” e designa aquilo que deixou de funcionar, por exaustão energética.

Caracterizada por imensa dificuldade e esgotamento emocional e físico, pode chegar a uma situação limite, a ponto de levar as pessoas a uma sensação permanente de cansaço e frustração. Também, se encontram presentes oscilações de humor, distúrbios do sono, dificuldade de concentração, muitas vezes, combinados com outros sintomas de ordem física e emocional.

Kraft (2006, p. 62) definiu *Burnout* como “um estado de esgotamento físico e mental cuja causa está intimamente ligada à vida profissional, e acomete principalmente

os profissionais que lidam diretamente com pessoas.” No entanto, é muito importante o alerta de Kraft, de que não se deve resumir, apenas, às dificuldades relacionadas ao trabalho mas também ao estilo de vida de cada pessoa, por vezes altamente comprometedores da saúde e bem-estar. No Burnout, se reconhece uma combinação de fatores organizacionais, individuais e sociais, resultantes da interação entre esses diversos aspectos.

Chama a atenção de Kraft (2006) o fato de que, além das dimensões laborais, sociais e pessoais, a enfermidade acomete principalmente profissionais que lidam diretamente com pessoas, a exemplo dos “policiais, professores e trabalhadores da saúde” (p. 63). Todos eles são comumente expostos a jornadas exaustivas de trabalho, frustração, baixas remunerações e altas responsabilidades.

Simon (2006), em seu artigo “trabalho mata?”, apresenta estudos recentes que afirmam que o estresse dessa natureza, ou seja, aquele nada saudável e que deixa o corpo num nível de alerta constante, atinge cerca de 70% da população economicamente ativa do Brasil. Essa população sofre, atualmente das conseqüências do excesso de trabalho. E, desse total, 30% já está com Burnout.

A Associação Internacional de Gerenciamento do Estresse – órgão que estuda o estresse e formas de intervenção para atenuar o sofrimento advindo dele mostrou que 94% das mulheres contra 74% dos homens sofrem com pressão nos variados ambientes profissionais. De acordo com a Associação, os níveis de cobranças realizado pelas mulheres são maiores do que aqueles encontrado nos homens, elevando a porcentagem de Estresse na população feminina.

O sofrimento no trabalho pode levar os indivíduos ao adoecimento e ao afastamento das funções laborais. Os sistemas internos e externos, do indivíduo e do meio, podem ser apontados como os principais responsáveis. Entretanto, a

responsabilidade e o estilo de vida de cada pessoa são o que a leva a exceder as fronteiras de adaptabilidade às demandas (Kraft, 2006).

Outro dado notável da síndrome é que ela é mais comum entre aqueles que têm uma alta identificação com sua profissão, com alto nível de desempenho e responsabilidade. Talvez por isso, a procura por ajuda aconteça, na maioria das vezes, num estado já avançado. (Kraft, 2006).

2.5 Quando a profissão é de risco, o risco aumenta?

O ambiente de trabalho, por si mesmo, já é suficiente para provocar sobrecargas. E se, associado a essas questões, a profissão for de risco? Seria essa uma condição somadora de estresse? Ou a profissão de risco não seria causa suficiente para o adoecimento?

De acordo com Camargo (2001), as causas de adoecimento no trabalho são variadas. No entanto, existem causas mais conhecidas de exposição a riscos no trabalho e suas prováveis complicações. Um agravante, por exemplo, é o tipo de profissão que se desempenha. As profissões podem conter em suas atribuições características e necessidades, tais como altos níveis de riscos ergonômicos (esforço físico intenso; levantamento e transporte manual de peso, postura inadequada, jornadas exaustivas), biológicos (contato com microorganismos), químicos (exposição a poeira, vapores de combustíveis e inalação de substâncias químicas), riscos físicos e alta frequência de acidentes.

Para a realização desse estudo, contamos com a participação de mulheres nas seguintes categorias profissionais: professoras de área de risco, taxistas, guarda armada e policiais.

2.6 A docência

O exercício da docência tem sido alvo de diversos estudos. A pesquisadora Carlotto (2002), em seu artigo “A síndrome de Burnout e o trabalho docente” dedica-se aos aspectos psicossociais que culminam no adoecimento dos professores em todos os ensinos, do fundamental ao superior. A autora considera a profissão como de risco por nela se entrecruzarem variados aspectos estressores e psicossociais negativos. Alguns desses estressores estão relacionados à natureza de suas funções e outros relacionados ao contexto institucional e social onde estas são exercidas. Quanto às causas estressoras, são percebidas como de alto risco no acometimento de Burnout (Carlotto, 2002, p. 25).

Ainda de acordo com essa autora, o acometimento por Burnout, nos professores, é atualmente superior ao de profissionais da saúde, “o que coloca o magistério como uma das profissões de alto risco”.

2.7 A dimensão subjetiva do trabalho

A origem das investigações científicas, no campo da subjetividade, trabalho e repercussão sobre a saúde, compreendiam uma estreita relação entre o sofrimento do trabalhador ocasionado diretamente pelo ambiente do trabalho que provocaria reações adversas, e culminava em adoecimento para o trabalhador. Por isso mesmo, boa parte dos estudos nessa área centrava-se na psicopatologia do trabalho. Segundo seu idealizador, Cristophe Dejours (1992), suas pesquisas caracterizavam-se, a princípio, orientadas nas doenças, em si, e nos impactos que causavam para a produtividade. O foco, então, estava direcionado para, basicamente, os aspectos psicopatológicos.

Com os avanços nessa mesma área, passou-se a conceber outro enfoque, mais complexo e dinâmico, para a relação trabalho *versus* saúde ou doença do trabalhador.

Os autores Brant e Mynaio-Gomes, (2004), dialogam sobre os novos panoramas dos estudos nessa área, e dizem:

De acordo com essa nova orientação, as investigações não tiveram mais como direção a descrição e enunciação das doenças mentais mais comuns entre os trabalhadores, mas também se ofereceu um olhar acerca das estratégias elaboradas pelos trabalhadores para enfrentar mentalmente a situação do trabalho (p.215).

Nessa nova perspectiva, aconteceu uma mudança de concepção: trata-se da migração de uma compreensão psicopatológica para uma, psicodinâmica, das relações de trabalho. E Dejours (1994) acompanha os avanços e participa dessas transformações. Suas pesquisas passam a recolocar a questão do trabalho e a apresentar as múltiplas manifestações do trabalho que, agora, passa a ocupar um lugar de equivalência psicossocial comparado ao jogo e ao brincar infantil, no mundo adulto.

O trabalho assume o “continuum” do espaço potencial; e, segundo esse novo olhar, o sofrimento, até então representado como essencialmente negativo, favorecedor da doença, passou a adquirir uma nova significação que abarcava elementos não apenas patogênicos, mas criativos (Dejours, 1994).

A análise do autor sobre o conceito de organização do trabalho, objetiva refletir, sobre o conteúdo da tarefa de cada trabalhador, a distribuição das responsabilidades, as relações de poder, os sistemas hierárquicos e os lugares onde cada trabalhador é alocado. Essa análise torna-se importante para compreender o impacto que essas características exercem sobre a dinâmica psíquica dos trabalhadores. Entretanto, Dejours (1994) admite que essas observações ainda são insuficientes para dar conta dos mecanismos defensivos e infindáveis, utilizados para lidar com a realidade do trabalho.

Tais mecanismos, embora inconscientes, podem produzir comportamentos manifestos, nem sempre favoráveis aos trabalhadores. Por exemplo, a negação do risco a que eventualmente se submetem, bem como a repressão do medo e da raiva, pois só assim conseguem ir trabalhar e continuar submetendo-se as relações eventualmente opressoras (p.64).

Esses mecanismos receberam a terminologia de “ideologia defensiva”, em que o esquema de organização social faz desaparecer da consciência do trabalhador o sofrimento, compactando-os em sistemas internos, hermeticamente fechados. E, segundo a teoria Dejouriana, como o sofrimento não deixa de existir, ele vai se transformando em adoecimento, já que permanece existindo a retenção do sofrimento e não se oferece ao trabalhador, comumente, uma descarga adequada da carga psíquica.

Certa vez, disse Freud (2004), que a ponta do iceberg não representa a sua dimensão real, abaixo dele há muito mais gelo do que se imagina. Essa metáfora pode ser utilizada na presente discussão, pois o sofrimento que ora é provocado pela hostilidade e dificuldade de trabalho, pode aparecer como motivo central do adoecimento.

Contudo, as características mencionadas por Dejours (1994), de ambiente organizacional como produtor de adoecimento, não são suficientes para dar conta de uma série múltipla e infinita de possibilidades encontradas que levam o ser ao estado de adoecimento. Sob essa ótica, “o processo de adoecimento conduz, como resultado final, a configuração da identidade trabalhador-doente” (Brant & Mynaio-Gomes, 2004, p.7). Insuficiente, como já mencionado, para acolher as imensas possibilidades do existir, já que são variadas e controversas, o que pode representar um incômodo para uma pessoa não representa necessariamente o mesmo para outra, ainda que passem por situações muito semelhantes. Assim nos diz Brant e Mynaio-Gomes (2004, p.9):

Os sintomas e os agentes etiológicos trazem uma carga histórica, cultural, política e ideológica e não podem ser contidas apenas numa fórmula numérica ou num dado estatístico. Da mesma forma, o processo saúde-doença não pode ser reduzido a um conjunto de

significados determinado pela cultura da empresa e pelo discurso médico hegemônico.

Pensamos, desse modo, que o trabalho, na experiência humana, ocupa lugar de destaque na teia social, ou seja, a atividade laboral aparece como uma oportunidade de alcance num determinado lugar social. Todavia, essa marca de reconhecimento tem sido marcada gradativamente por uma constante dificuldade de inserção em postos dignos de trabalho e também por uma insegurança que não apresenta o trabalho como um dos portos seguros de outrora. Põe-se num intenso estado de alerta não apenas o trabalhador, mas todo o contexto da organização.

Nesse clima de insegurança, a saúde do trabalhador fica comprometida, culminando em severas repercussões. Veronese (2007), adverte para a gravidade dessas situações e pontua, com profundidade, o real sentido para as pessoas. “Os significados atribuídos à experiência do trabalho compõem a maneira como o sujeito apreende e expressa seu recorte singular do mundo, vivenciando-o no espaço da subjetividade” (p. 7).

2.8 Mulher: quando o sofrimento ocupa lugar de resistência

As maneiras como as pessoas se relacionam frente a seus modos de adoecimento, dão-se de modo singular. Esse processo configura-se complexo, haja vista que envolve processos relacionais de diferentes naturezas, que constituem-se e, engendram-se, de modo próprio. Frente aos adoecimentos, algumas saídas são encontradas, nas quais a transformação dos sofrimentos em doença revela-se não apenas como uma possibilidade de resposta ao incômodo, mas também como uma possibilidade de resistência (Bauman, 2004).

Desse modo, pode-se compreender que os efeitos nocivos à saúde da mulher em decorrência de suas múltiplas funções estão para além dos quadros psicopatológicos. Nessa perspectiva, de olhar o fenômeno para além da psicopatologia, evoca-nos uma leitura para a qual Schitman (1996, p. 10) denominou como “vértice multidimensional transformativo”, neste, as respostas genéricas mostram-se insuficientes para dar conta das demandas encontradas na contemporaneidade. No qual prossegue: “Se utiliza uma ótica de diferença, de descentralização, de alternativas, de flutuações, aparecem junto aos aspectos construtivos e processos auto-organizativos, a mudança e a incerteza” (Op. Cit. 1996, p.10).

Compreender os fenômenos a partir de um “vértice multidimensional transformativo”, significa dizer que relações de causalidade são insatisfatórias para responder os mais diversos questionamentos que regem os modos de viver, que deveriam escapar, da homogeneidade, do estático, e sim, apresenta polarizações antinômicas e densidades diversas” (Op. Cit. 1996, p. 11).

As manifestações científicas, culturais e *terapêuticas* ligadas aos conceitos emergentes estão envolvidas em circuitos recursivos, em interações não-lineares dentro da ciência e da cultura. Elas contribuem para criar um contexto, uma ecologia das idéias, que energiza temas, interrogações e metáforas” (Op. Cit. 1996, p. 10).

Dizer que a vida da mulher, com excessivas ocupações, reverberou em danos nocivos sobre sua saúde não atende à multiplicidade de reestruturações, algumas delas positivas decorrentes desse mesmo processo, dentro os quais, podemos citar: saída da mulher do âmbito doméstico para ocupação de vagas na esfera pública, maior flexibilização dos relacionamentos; maior controle sobre a saúde reprodutiva; etc.

As formas de adoecer estariam conectadas não apenas às múltiplas ocupações e excessivos compromissos assumidos pela mulher, mas haveria também uma conexão

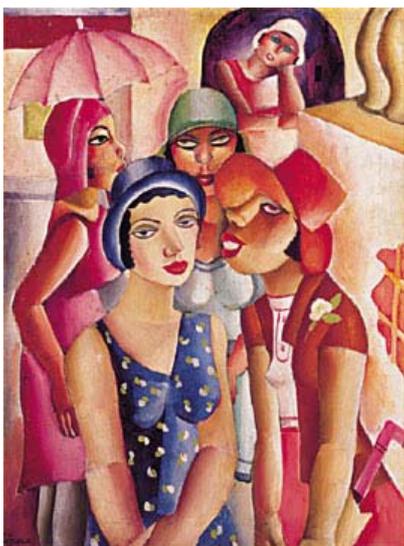
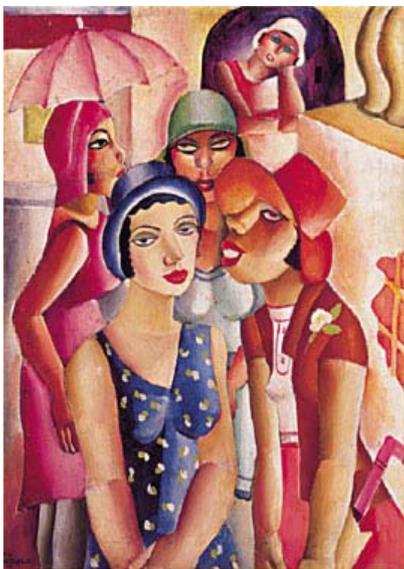
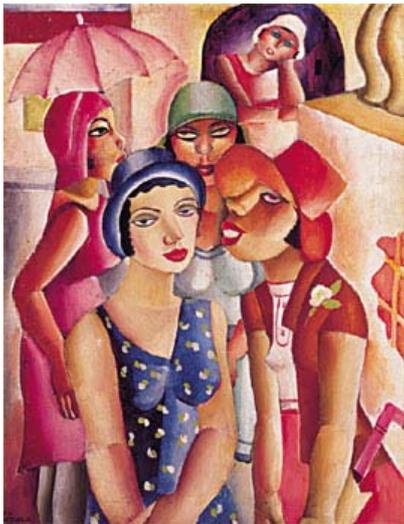
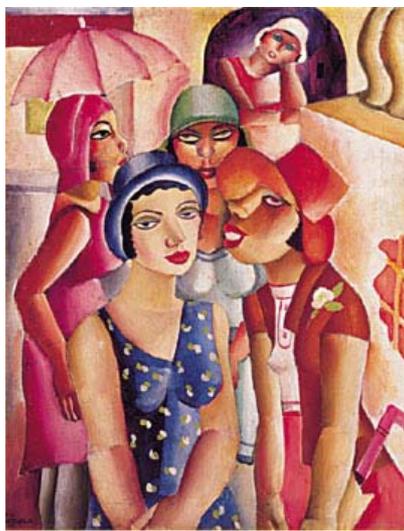
com a resistência a uma exigência individual e social, que cobra da mulher uma alta performance.

Priore (2001), nos relembra que até o século XVIII a mulher não tinha autonomia para decidir sobre sua própria vida. Recusar e resistir, e manter-se nesse padrão, possibilitou uma abertura no caminho da autonomia e maior liberdade. Partindo desse entendimento, torna-se relevante analisar os processos de subjetivação no âmbito do adoecimento *versus* múltiplas atividades, como uma estratégia positivada e não apenas como mecanismo psiquicamente patológico. Trata-se então, de conceber o sintoma como sinalizador de um mal-estar, quando as antigas ou novas formas de funcionamentos encontram incoerência interna e, desse modo, passam a ser questionadas através do sintoma.

Caracterizamos, portanto, nesse capítulo, o interesse por pensar a mulher em sua complexidade. E, sempre que algo é denominado complexo assinalamos a dificuldade para responder de modo razoável nossas interrogações. Assim Morin (1996, p.274) assinala por complexo tudo que o que produzi um “emaranhamento de ações, de interações, e retroações”. É exatamente essa interconexão, realizada no presente estudo entre ciência, processos subjetivos e culturais, que reconhecemos a complexidade com que o tema deve ser enxergado. O autor expõe que não devemos tratar de buscar um conhecimento único e geral, pois esses não existem, mas devemos procurar compreender os fenômenos em suas ligações, articulações, conjunções e disjunções, etc.

Do exposto, depreende-se, que da perspectiva teórica desenvolvida até agora, as múltiplas atividades da mulher e as ressonâncias sobre a saúde correspondem a sistemas abertos e dialógicos, transversais e multidimensionais.

Consideramos importante reconhecer que, para além dos autores e reflexões aqui apresentados (processos que fizeram parte da constituição da subjetividade da mulher), outras infinitas formas seriam possíveis de se realizar e/ou podem ainda acontecer.



CAPÍTULO III: METODOLOGIA

*Caminhante, são teus rastros
o caminho, e nada mais;
caminhante, não há caminho,
faz-se caminho ao andar
(Antonio Machado)*

3. OS DESAFIOS METODOLÓGICOS

- Construindo os passos da pesquisa -

Circunscritos num tempo e espaço sociais bem delimitados, nossa escrita debruçar-se-á, nesse momento, nos passos metodológicos da pesquisa. Assume-se, como no poema anteriormente descrito, que nossas inspirações conceituais e metodológicas afetam e são afetadas o tempo todo por uma gama complexa de relações que nos atravessam, desde o encontro entre pesquisador e entrevistados, como também entre o pesquisador e os operadores conceituais escolhidos na formulação do presente trabalho.

A origem da palavra método deriva-se das palavras gregas *meta*, “para”, e *hodos*, “caminho”. Assim, podemos traduzir método por “caminho para”, ou seja, o caminho empreendido na trajetória da pesquisa. (Ferreira, 2000).

Antonio Machado, no poema mencionado no início desse capítulo, nos disse que o caminhante possui seus rastros, ou seja, afirma que temos uma herança e um passado, mas que, nossa própria história só será tecida à medida que avançarmos no nosso próprio caminhar.

Ao introduzirmos o percurso aqui empreendido, compreendemos por metodologia a utilização de métodos e técnicas para construir resultados válidos e confiáveis. É o caminho proposto pelo método que permitirá alcançar a compreensão dos fenômenos que nos interrogam (Laville, C. ; Dionne, B. 1999).

Discutir sobre método é também, segundo Lavinne & Dionne (1999), questionar sobre o lugar da ciência no qual nos posicionamos. Apesar do destaque dado ao modelo positivista, presente até o final do século XIX, em que se achava que este modelo poderia ser aplicado, com sucesso, a todos os objetos de conhecimento, das ciências naturais e humanas, devendo-se, portanto, tratá-las sob o mesmo olhar, surgem novas

perspectivas que enfraqueceram o modelo hegemônico positivista. Isto conduz, a partir do século XX, a um questionamento progressivo desse “modelo ideal”, resultando numa redefinição da ciência e de seus procedimentos. Dessa atmosfera, nasceram outras possibilidades de fazer ciência, legítimas e específicas, a depender do objeto de estudo (Laville & Dionne, 1999).

Conforme assinala Minayo (2007), a ciência, (positivista ou não), como produção de conhecimento, é apenas uma forma possível, um modo, um meio, encontrado pelos homens para encontrar respostas e buscar soluções para perguntas, enigmas ou inquietações, sejam elas provindas de uma motivação social, institucional, ou pessoal.

A ciência se apresenta como um critério possível e legítimo de construção de uma dada realidade. Todavia, dentro do campo científico, apesar de suas coesões e normas, há no seu interior formas de conhecimentos contraditórios e, por vezes, conflituosos. O mais célebre dos impasses é aquele relacionado ao modelo de ciência natural em comparação com as ciências humanas. Muito embora os métodos e apreensões sobre os fenômenos sejam dados nesse exemplo de maneiras diferentes, ambos produzem conhecimento. Ainda compartilhando as ideias trazidas por Minayo (2007), ao citar Paul de Bruyne (1999, p.10), a “ideia de cientificidade comportando, ao mesmo tempo, um pólo de unidade e um pólo de diversidade”.

Reconhecemos, assim, que mesmo com o pioneirismo das ciências naturais, gozando do estatuto de supremacia e valorização do modelo positivista, entretanto, este modelo não foi possível responder a todos os objetos de estudo. Ao contrário, o modelo positivista buscava, insistentemente, refrear o pólo de diversidade que se apresentava: as ciências humanas e o nascimento dos estudos qualitativos.

No enfoque qualitativo, prioriza-se a busca de compreensão e significação do universo dos indivíduos. Nessa perspectiva, os observadores/autores e atores (pesquisadores e pesquisados, respectivamente), admitem sua participação direta na construção da pesquisa. Trata-se de trabalhar segundo “um convite à reflexão, à curiosidade, à busca; não à certeza, mas às múltiplas vozes, à polifonia” (Schnitman, D. F. 1996, p. 9).

Sendo assim, a pesquisa de natureza qualitativa, com seus critérios e normas bem definidos, mostrou-se mais eficaz aos interesses do referido estudo, pois, ao nos propormos compreender o universo de significações das mulheres com dupla jornada de trabalho e as ressonâncias sobre a saúde, o método qualitativo atende melhor ao nosso campo de interesse.

De acordo com Minayo (1994), a nossa escolha vai ao encontro das pesquisas qualitativas, já que essas têm em seu foco de interesse apreender um nível de realidade de um dado grupo, improvável de ser quantificado. Esse tipo de pesquisa oferece um olhar mais profundo sobre os processos de subjetivação dos grupos e pessoas estudadas.

A busca científica corresponde a uma opção metodológica, que, por sua vez, é norteada de valores. Reconhecem-se a complexidade encontrada, tanto nos enfoques quantitativos quanto qualitativos, com seus recortes, aplicação de métodos, técnicas, coleta e procedimentos, bastante específicos (Turato, E. 2003).

3.1 Produção do material qualitativo

A produção do material qualitativo foi realizada por meio de entrevistas semi-dirigidas, com mulheres oriundas da Região Metropolitana do Recife (RMR), todas elas incluídas em categorias profissionais expostas a riscos (motoristas de táxi, policiais, vigilantes, professoras da rede de ensino público, guarda armada, etc.). Segundo

Dejours (1992), estaria presente, nessa categoria profissional, qualquer atividade que exponha o trabalhador a riscos relacionados à sua integridade física e emocional.

É importante ressaltar que não partimos de um número *a priori* de participantes, uma vez que, conforme Turato (2003), na pesquisa qualitativa é possível realizar uma amostragem por saturação, em que “o pesquisador fecha o grupo quando, após as informações coletadas com certo número de sujeitos, novas entrevistas passam a apresentar uma quantidade de repetições em seu conteúdo” (p. 363). Neste sentido, à medida que os objetivos da pesquisa foram contemplados, as entrevistas eram suspensas. No total, entrevistamos e analisamos sete mulheres.

O instrumento que lançamos mão para acessar o universo das participantes, como já mencionado, constituiu-se de entrevista semidirigida, possibilitando-nos a colheita de informações relacionadas com o tema da pesquisa. Partimos das seguintes questões: história da constituição família, trabalho e cuidados com a casa e os filhos; responsabilidade econômica da casa; queixas sobre a saúde e se contavam com alguma ajuda para reduzir as cargas de trabalhos. A decisão pela entrevista semidirigida motivou-se pela possibilidade de escuta mais livre e flexível, por parte do pesquisador, para criar novas perguntas no momento em que percebesse a necessidade de novos questionamentos, elucidaciones, esclarecimentos e ideias.

Como procedimento de coleta das informações, realizamos duas entrevistas para testagem do instrumento (técnica utilizada e revisão do roteiro da entrevista). Tais entrevistas iniciais impulsionaram novas indicações, o que foi possibilitando novas entrevistas. Essa técnica nomeia-se, conforme Turato (2003), de abordagem por bola-de-neve, na qual são privilegiadas as indicações feitas pelas próprias entrevistadas, ao reconhecerem, elas próprias, participantes em potencial.

As entrevistas foram realizadas entre os meses de março a maio de 2009, aplicadas de forma individual, com duração média de 40 minutos e no local de melhor conveniência das entrevistadas. No entanto, elas só compartilharam suas experiências relacionadas aos objetivos da pesquisa após conhecimento e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Os registros dessas informações ocorreram mediante gravação das entrevistas em arquivo MP3.

3.2 Tratamento do material

Posteriormente, elegemos como procedimento de organização, descrição e análise das falas das entrevistadas, a análise temática de conteúdo (Minayo, 1994). Essa é uma das técnicas mais utilizadas para a realização da análise desse tipo de material coletado. No entanto, Minayo (1994) chama atenção para a complexidade e critérios de seus procedimentos. A autora conceitua, do ponto de vista operacional, a análise de conteúdo, como uma possibilidade de conhecer mais profundamente as comunicações para além de seus significados imediatos; a técnica visa uma percepção aguçada dos conteúdos latentes.

Nessa análise, Minayo (1994), apresenta três etapas a serem desdobradas. A primeira fase consiste numa pré-análise e se baseou numa leitura flutuante para apropriação do texto, deixando-se apropriar exhaustivamente com o material obtido; depois se segue com a exploração do material (organizando-o de forma que contemple os aspectos levantados no roteiro da entrevista e que represente o universo de questões pretendidas). Para Minayo (1994, p. 201): “nessa fase pré-analítica determinam-se a unidade de registro (palavra-chave ou frase), a unidade de contexto, os recortes, as categorizações e os conceitos mais gerais que nortearão a análise”. É na fase seguinte de exploração do material que a depuração de compreensão do texto ocorre. Após a

superação dessas duas etapas, chega-se ao tratamento dos resultados obtidos e interpretação.

A análise de conteúdo parte de uma literatura de primeiro plano para atingir um nível mais aprofundado: aquele que ultrapassará os significados manifestos [...] Em termos gerais relaciona estruturas semânticas (significantes) com estruturas sociológicas (significados) dos enunciados. Articula a superfície dos textos descrita e analisada com os fatores que determinam suas características: variáveis psicossociais, contexto cultural, contexto e processo de produção da mensagem (Minayo, 1994, p. 203).

3.3 Critérios de definição das Unidades de sentido

A definição, das unidades temáticas, foi construída, *a priori*, em função dos objetivos dessa pesquisa. Para os quais, elencamos três unidades, a saber: 1. Atividades desempenhadas em casa e no trabalho; 2. Identificação com a profissão; 3. Repercussões sobre a saúde e estratégias de enfrentamento. Outras unidades foram construídas à medida que os relatos de nossas entrevistadas foram apresentando núcleos variados e singulares.

Essas unidades foram organizadas em um quadro composto de: definição, temas e verbalizações (graficamente apresentadas através de uma palavra, frase ou resumo). A definição diz respeito a uma síntese dos conteúdos temáticos. Já os temas, se referem às unidades de significação e núcleos de sentidos ofertados pelas participantes do estudo. Por último, temos as verbalizações, nas quais contemplamos as falas literais apresentadas pelas entrevistadas e que validam os temas.

O trabalho de análise respeitou duas etapas. Na primeira, realizamos um levantamento sócio-demográfico breve a partir dos dados das participantes do estudo, contendo informações sobre tipo de profissão, estado civil, bairro onde mora, nível de instrução, idade, renda pessoal e familiar, número e idade dos filhos.

Na segunda etapa, fizemos uma breve apresentação de cada uma das nossas entrevistadas, expondo o contexto em que se realizou a entrevista, ressaltando a interação entre pesquisadora e entrevistada, e as impressões causadas na pesquisadora. E como finalização dessa primeira parte, a análise do conteúdo e uma reflexão sobre os relatos.

Vale ressaltar que, para salvaguardar o anonimato das entrevistadas, optamos pelo emprego de nomes fictícios, utilizados daqui em diante. A escolha desses nomes partiu das próprias mulheres entrevistadas. Antes do início da entrevista, pedíamos, a cada uma delas, após realizada a leitura do Termo de consentimento livre e esclarecido, que escolhessem um nome fictício pelo qual gostaria de ser chamada na pesquisa. O intuito desse pedido teve a propósito de valorizar a participação da mulher, incluindo-a como participante ativa da pesquisa.

Para finalizar, apresentaremos duas tabelas. A primeira delas consta o perfil sócio-demográfico das entrevistadas e, sua respectiva análise. A Tabela 2 apresenta os nomes escolhidos por nossas entrevistadas seguidos de uma frase literal que se comunica diretamente aos discursos das múltiplas atividades trazidos por cada uma delas, recurso este que, na opinião da pesquisadora, comunicou-se diretamente com os objetivos da pesquisa: as múltiplas atividades da mulher e as ressonâncias sobre a saúde.

Tabela 1

Perfil Sociodemográfico	n°
Idade	
30-39	2
40-49	4
Profissão:	
Taxista	1
Professora	2
Policial	2
Guarda armada	1
Grau de instrução:	
Fundamental	1
Nível médio	2
Superior	1
Especialização	2
Responsabilidade econômica	
Entrevistadas	R\$ 10.200
Cônjuges	R\$ 6.300
Filhos	R\$ 700
Média renda familiar	R\$ 2.457

A Tabela 1 sobre os dados demográficos revelou aspectos significativos do funcionamento da mulher e da família. Vejamos.

De nossas participantes, quatro delas tinham filhos de menor idade sob suas responsabilidades e duas tinham filhos de maior idade, sendo que um deles colaborava com as despesas do lar. As idades variaram entre 30 e 49 anos (30, 33, 40, 44, 40 e 43). No que se refere à profissão, uma era taxista; duas professoras do Estado, locadas em áreas de risco; duas policiais militares; e uma segurança armada. Com graus de

instrução bem distintos: uma cursou até o Ensino Fundamental; duas concluíram o Ensino Médio; uma, o Ensino Superior, sendo graduada em Pedagogia, e duas cursaram até a especialização. As seis participantes se dedicavam a atividades domiciliares e extradomiciliares, com no mínimo duas jornadas de trabalho. No que tange à responsabilidade pela renda familiar, a média entre elas girou em torno de R\$ 2.4 mil. Quando casada, a média salarial detectada foi superior a do esposo. Quatro delas dividiam as responsabilidades econômicas do lar com os maridos e duas delas pagavam as despesas separadamente, controlando as próprias despesas e a do lar. Duas possuíam conta bancária em conjunto, ficando sob a responsabilidade do marido a gerência das finanças.

Tabela 2

Apresentação das participantes

Renata: Policial há 22 anos	“Dentro de um só cérebro, vários cérebros”!
Maria do Socorro: Taxista há 11 anos	“Semana passada fiz onze anos de profissão, no dia do assalto, foi o presente que ganhei!”
Coragem: Professora há 22 anos	“Quando vejo, no círculo, família, trabalho e marido ao ‘redor de um copo’, tudo transbordou e eu chorei muito”.
Alegria: Professora há 25 anos	“Quem cuidava de tudo era eu, eu sempre cuidava de tudo, entendeu? Só com a carga toda”.
Justiça: Segurança armada há 3 anos	“Só porque não tenho tempo para cuidar de tudo sozinha, senão faria”.
Cigana: Policial há 23 anos	“De tudo a tudo eu sou a responsável”.
Sara: Sargenta há 15 anos	“Eu sou super, supermãe em tudo, da educação escolar à vida, eu cuido de tudo”.



CAPÍTULO IV

*Eu quero te contar
Das chuvas que apanhei
Das noites que vareei
No escuro a te buscar
Eu quero te mostrar
As marcas que ganhei
Nas lutas contra o rei
(BUARQUE, C. Música: Sem fantasia*

ANÁLISE DAS ENTREVISTAS

ENTREVISTADA N. 1 -

Renata: Policial há 22 anos. “dentro de um só cérebro, vários cérebros”!

Unidades de sentido

<u>Sobrecarga das múltiplas atividades</u>	
Definição: tarefas desempenhadas no âmbito privado e público	
<u>Temas</u>	<u>Verbalizações</u>
Acúmulo de Atividade	“Sou gerente administrativa e financeira da casa. Além disso, sou vendedora e coordenadora de uma feira de artesanato, vendo perfumes genéricos”. “Faço de um tudo”.
Múltiplas atividades	“Às vezes, digo que ,quando eu morrer, ouviu, Vou doar meu cérebro e vão descobrir que dentro dele há vários outros cérebros”.
Culpabilizações	“Corria riscos no trabalho, e os pequenos em casa”. “Na época dos meninos pequenos sofria muito”.
<u>Identificação com a profissão</u>	
Definição: Engloba aspectos de forte identificação com a profissão, mesmo que ofereça riscos ou não ofereça condições adequadas de trabalho.	
<u>Temas</u>	<u>Verbalizações</u>
Orgulho do que faz	“Meu trabalho é lindo e tenho orgulho dele, mas que você é muito humilhado, é!” “Essa profissão é brilhante”. “Eu gosto do que faço, ganho meu dinheiro honestamente”.

<p>Dúvida se realmente valeu/vale todo o esforço empreendido</p>	<p>“As pessoas não veem que, por trás de um policial, tem um ser humano. Nós temos obrigações de manter ordem pública”.</p> <p>“Quero minha família e minha profissão em paz”.</p> <p>“O trabalho é minha saúde mental”.</p> <p>“Minhas ideologias foram todas colocadas no chão”.</p> <p>“Me sinto com nojo e revoltada, porém nunca deixei de ser profissional”.</p> <p>“Queria mudar os procedimentos”.</p>
<p>Estratégias de enfrentamento</p>	<p>“Me questiono se vale, ou valeram a pena, meus anos de dedicação”.</p> <p>“É por isso que penso se vale a pena,ou não, ser honesto, ser trabalhador”.</p> <p>“Preciso colocar uma máscara e fingir que está tudo bem”.</p>

<u>Repercussões sobre a saúde</u>	
Definição: prejuízos à saúde, causas de adoecimento.	
<u>Temas</u>	<u>Verbalizações</u>
Saúde não constitui problema relevante	<p>“Essas preocupações causam mil e uma alterações” [no seu organismo].</p> <p>“Pressão alta , engulo sapos demais e tem horas que fico cheia”.</p> <p>“Não posso expressar o sufoco”.</p> <p>Aaquela suadeira”.</p> <p>“‘N’ problemas, tomo corticóides, estou com tireóide descontrolada”.</p> <p>“Insônia, muito sono também é problema”.</p>
Invisibilidade Da repercussão das múltiplas atividades Choro fácil	<p>“Há dias que não durmo” [insônia].</p> <p>“Mas, se pegar no sono, durmo demais, está descontroladíssimo” [hipersonia].</p> <p>“Excesso de peso”</p> <p>“Tireóide descontrolada”.</p> <p>“O choro é uma forma de defesa automática, coloco minhas emoções para fora”.</p>

Reflexões sobre Renata

A primeira categoria temática diz respeito às múltiplas atividades desenvolvidas por Renata. A análise das verbalizações revelou-nos um excesso de atividades e tarefas a cumprir no seu dia-a-dia. Ela diz: “faço de um tudo”, ao referir-se às tarefas desenvolvidas. Em destaque, nos reafirma sua sobrecarga ao dizer: “sou gerente administrativa e financeira da casa, vendedora e coordenadora de uma feira de artesanato”.

Para Renata, mesmo tendo três filhos e esposo, é muito doloroso para ela delegar funções, o que só ocorre em última análise, quando não há mais condições de sozinha “assumir seu cargo”. Embora os filhos, quando requisitados, colaborem, ela só os admite ao apontar - metaforicamente e com tom irônico - que sem a ajuda deles “morreria”. Contudo, essa ajuda é sempre dosada, já que uma de suas maiores preocupações é não sobrecarregar filhos e marido. Sobre o marido, ela o descreve como uma pessoa “oba-oba, de apertar a mão e ser simpático, uma criatura adorável” e, imediatamente, quando se compara a ele, se sente como aquela que age, fala alto, e assume as duras responsabilidades mesmo reconhecendo que “o preço pago seja muito alto”. No entanto, parece que, somente assim, Renata se vê como peça fundamental no grupo familiar.

Admitindo suas variadas atribuições, a fala de Renata é entremeada por sentimentos de culpa, sobretudo quando se recorda do tempo em que os filhos eram pequenos e ela, por necessidade de trabalhar fora de casa, era “obrigada”, como ela mesma diz, a deixá-los sob responsabilidade de outros cuidadores. Os primeiros anos de vida de seus filhos foram marcados, segundo ela, por muito sofrimento e sentimento de culpa. Renata não administrava bem o fato de, como policial, oferecer apoio e segurança à sociedade e não ter a garantia que seus filhos estariam bem cuidados. Para ela, outro fato agravante foi o fato ter exigido, sem querer, de seus filhos uma adaptação constante às novas empregadas, pois por ser bastante criteriosa na seleção, o mínimo desconforto sinalizado pelas crianças logo a motivava a se desfazer da ajuda e reiniciar a busca por uma nova cuidadora, chegando ao número de 20 secretárias (babás) ao longo do crescimento de seus filhos.

Não podemos, entretanto, deixar de apontar que Renata considera - e sempre considerou - como sua principal e fundamental atividade o exercício da maternidade,

tanto que sua cobrança em ser uma boa mãe era/é muito alta. Renata teria condições de permitir que seus filhos se vinculassem, afetiva e matematicamente, a alguém que não fosse apenas ela? Vejamos o que ela diz sobre a estratégia que seu filho mais velho (o mais vinculado a ela) desenvolveu para resolver o impasse de tantas trocas: “talvez por isso [as mudanças de babás] o mais velho aprendeu a nunca se apegar a elas, se adaptava bem, mas nunca se apegava, ele era bandoleiro”. Observa-se que não foi apenas Renata que lançou mão de estratégias para lidar com suas inseguranças e cobranças frente ao cuidado dos filhos, mas seus filhos também firmaram estratégias de enfrentamento, especialmente o filho mais velho, ao assumir o “compromisso” de não se vincular afetivamente às babás, assegurando, dessa forma, lugares bem definidos dentro do grupo familiar.

Perrot (2004), na sua obra “As mulheres ou os silêncios da história”, analisa que circunda a mulher contemporânea um tripé paradoxal que reside, entre a realização profissional, as queixas do acúmulo de atividades e as expectativas geradas com a maternidade. Esses três fatores correspondem aos maiores conflitos para algumas dessas mulheres, pois o que historicamente afirmou uma identidade feminina fora o exercício da maternidade e não corresponder ao que se espera socialmente dessa demanda pode causar uma dor e sofrimentos muito grandes, como os enunciados por Renata:

uma vez estava sem nenhuma empregada e levei os meninos para o quartel, houve a necessidade de levar os dois. Meus pais, na época, já tinham falecido. Tive que levar os dois meninos. Aí ela disse [a comandante] : esses meninos não podem vir para aqui não. Aí eu disse a ela, então me dê uma semana de folga até eu resolver, arranjar alguém, por que na minha cabeça não cabe eu dar segurança e não oferecer segurança aos meus inocentes, não ia deixar meus filhos de três e quatro sozinhos, *a sociedade que perdoe nesse lado eu sou egoísta, primeiro meus filhos.* (Grifos nossos).

Nota-se, na fala de Renata, o peso atribuído por ela a cada uma das atividades que desempenha. Ainda que se identifique com sua profissão, fica claro sua decisão de que, entre filhos e trabalho, os filhos estão em primeiro lugar.

Embora a modernidade assista à junção entre essas atividades, velhos e novos padrões de comportamento permanecem coexistindo. Passos (2005) assinala, que “nem tudo que muda, muda tudo” e, por isso mesmo, não raro, os sentimentos de impotência, culpa e cobrança surgem frente aos desafios de vida enfrentados por Renata, que se caracteriza como uma mulher múltipla e multifuncional, ilustrada nas seguintes falas: “quando eu morrer ouviu? Vou doar meu cérebro e vão descobrir que dentro dele há vários outros cérebros [...] sou gerente administrativa e financeira da casa, coordenadora de uma feira de artesanato, vendedora de perfumes[...] Faço de um tudo”.

Na segunda unidade de sentido observamos a presença de sentimentos ambíguos e conflituosos. Se por um lado notamos Renata identificada e realizada com sua profissão quando diz “meu trabalho é lindo, me identifico demais com ele”, ou “eu gosto do que faço, ganho meu dinheiro honestamente”, por outro, ele também representa fonte de variados sentimentos negativos, entre eles estresse, ansiedades e decepções, que ficaram evidenciados através das seguintes falas: “queria mudar os procedimentos” e “me sinto com nojo e revoltada”. Essas são algumas das muitas indignações apontadas pela entrevistada, o que a coloca em conflito constante desencadeadas pelo seu trabalho, mas que, em certos momentos, revelam-se numa desilusão generalizada, que toca todos os aspectos de sua vida. A fala: “Minhas ideologias foram todas colocadas no chão” se configura num questionamento bastante dramático para a vida de Renata, a ponto dela se perguntar “se vale a pena, ou não, ser honesto, trabalhador”. Complementares e contraditórios, o que está em jogo nessa

identificação *versus* decepção é o desmantelamento de uma ideologia face à realidade encontrada, aquilo que Renata apreendia como fundamental, suas ideologias de trabalho, somam-se a uma estrutura organizacional que não corresponde às expectativas e desejos dela em cumprir seu papel de profissional com dedicação e zelo. O conflito evidenciou-se na observação, da distância imensa, entre suas possibilidades reais e ideais.

No tecer das relações de trabalho, adverte Veronese (2007), as pessoas entrelaçam aspectos variados de vida pessoal, social, familiar. E, em certas situações, o sofrimento emerge em função do choque entre a “história individual, portadora de projetos, de esperanças e de desejos, e uma organização do trabalho que os ignora” (p.10).

Percebemos, como já mencionado, que entre os maiores conflitos enfrentados, no momento, por Renata, está o impacto entre os “teceres” de sua vida pessoal, familiar e profissional. Segundo coloca Dejours (1994) *apud* Veronese (2007), o trabalho deveria corresponder ao espaço potencial que as crianças encontram em seus jogos e brincadeiras, ou seja, o trabalho representaria uma fonte de elaboração subjetiva das ansiedades e angústias no decorrer da vida.

É na atividade laboral, ao buscarem-se estratégias para lidar com o sofrimento, que revive-se a esperança de encontrar um caminho criativo e com um sentido social útil e adequado. É aqui que o “teatro” do trabalho cumpre uma função similar ao jogo infantil; ali investem-se afetos e capacidades de aprendizagem (p.10).

Renata, por sua vez, embora reconheça pontos de positividade e identificação com sua profissão, não encontra, neste, um apoio necessário e suficiente para uma realização laboral satisfatória. Assim, ela nos fala, “meu trabalho é lindo, e tenho orgulho dele, mas que você é muito humilhado é”. Essa ambigüidade, geradora de conflitos, faz com que ela “entre em parafuso, fique desnorteada”.

Evidenciam-se, com a unidade de sentido anterior, uma relação estreita com a terceira unidade de sentido, repercussões sobre a saúde, pois é pelo fato de Renata não encontrar elaboração psíquica dos sofrimentos decorrentes de sua relação com o trabalho e no exercício da maternidade que diversas manifestações patológicas tem surgido em sua vida. Ela os expressa da seguinte maneira: “Essas preocupações [inclusive o trabalho] me causam mil e uma alterações [...] pressão alta, engulo sapos demais e tem horas que fico cheia”.

Outra alusão feita por ela é que a cobrança não é apenas profissional, mas também pessoal e familiar. Essas questões terminaram por lhe trazer excesso de peso e, nos termos utilizados por ela, identificamos um sobrepeso nos níveis objetivos e subjetivos, ou seja, a obesidade Expressa, direta e indiretamente, os incômodos por ela enfrentados.

Hoje quem corre atrás de mim é o bandido. *Entrevistadora: Como assim? Com esse meu peso... (pausa). Entrevistadora: Como? Estou com sobrepeso, gorda mesmo, preciso perder os 50 quilos que engordei, também com tanta coisa pra dar conta tinha que ficar larga, para caber tudo dentro de mim.*

Entre os muitos desafios a ser enfrentados por Renata os efeitos negativos da sobrecarga de trabalho assumiram, durante a entrevista, o mais relevante dos assuntos tratados por ela. “A cobrança atira por todos os lados”, ela nos diz. Entretanto, ela não estabelece uma relação entre essa multiplicidade de tarefas e o seu preocupante estado de saúde. Chegou ao limite de ter sérias complicações. Como alertou seu médico, havia risco de infarto ou acidente vascular cerebral.

Contudo, os discursos por ela apresentados, são, por vezes contraditórios, tais como: “Meu trabalho é minha saúde mental”; para logo em seguida enunciar: “Não posso expressar o sufoco [...] dá aquela suadeira”.

Cabe considerar, portanto, que Renata não encontra, em sua vida, uma rede de proteção e ajuda consistente. Nem mesmo a recomendação médica de que ela deveria procurar ajuda psicológica fora acolhida nem reconhecida por ela como real necessidade. O exame realizado acerca de seu estado de saúde é reconhecido como “probleminhas pequenininhos, que resolve rapidinho”. Estaria tudo no diminutivo como um recurso encontrado por ela para seguir sua vida sem sucumbir aos seus problemas de saúde, cada vez maiores?

A negação de sua insatisfação com certos procedimentos do trabalho, assim como, do seu estado de saúde, parece ter sido saída estratégica para lidar com suas insatisfações e, assim, ir administrando seu mal-estar.

As conseqüências desse sofrimento são largamente discutidas e refletidas pela literatura, em que apontam os efeitos cumulativos das múltiplas atividades reverberadas em severos prejuízos à saúde da pessoa. (Diniz, 2004; Couto-Oliveira 2007; Gomes, 2003).

Apesar de Renata sofrer, ela também se vangloria com a multiplicidade de tarefas e “cérebros” que possui. Ela, afinal, demonstra, através de todos os espaços de sua vida, a intensidade e o excesso com os quais vêm se ocupando e, conforme ela mesma reflete, está “com sobrepeso, gorda mesmo, preciso perder os 50 quilos que engordei, também com tanta coisa pra dar conta tinha que ficar larga, pra caber tudo dentro de mim”.

Renata reconhece, externamente, com essa afirmativa, que “necessita” revisar seu cotidiano e reavaliar seu funcionamento perante os acontecimentos de sua vida. Mesmo “que a passos de tartaruga” como ela mesma enuncia, o primeiro passo foi dado, e quem sabe essa inquietação possibilite a instauração de uma nova fase na vida de Renata.

Maria do socorro: taxista há 11 anos, “Semana passada fiz onze anos de profissão, no dia do assalto, foi o presente que ganhei!”

Unidades de sentido

<u>Sobrecarga das múltiplas atividades</u>	
Definição: Tarefas desempenhadas no âmbito privado e público	
<u>Temas</u>	<u>Verbalizações</u>
O esforço necessário e prazeroso	“Luto demais dentro de casa e na rua trabalhando”. “Tenho três cachorrinhos e são eles quem me dão o maior trabalho. Diariamente cuido deles, dou limpeza e carinho”. “Passo o dia na rua e à noite vou cuidar da casa e dos bichos”.
<u>Identificação com a profissão</u>	
Definição: Engloba aspectos de forte identificação com a profissão, mesmo que ofereça riscos ou não ofereça condições adequadas de trabalho.	
<u>Temas</u>	<u>Verbalizações</u>
Saída para a solidão	“Tem o perigo, mas também o lado bom: fiz muitas amizades, tem os passageiros que a gente cria amizade”. “Essa profissão me dá o direito de fazer muitas amizades”. “Até com os taxistas tenho muitas amizades, considero a minha família, já que, no momento, moro sozinha”. “Tenho bons contratos e boas amizades com essas pessoas que são maravilhosas”. “Minha família tem pedido para eu deixar minha profissão, mas na minha cabeça eu não tenho coragem, me realizo muito com isso”. “De todos [trabalhos que teve] foi o que mais me realizou”.

<u>Repercussões sobre a saúde</u>	
Definição: prejuízos à saúde, causas de adoecimento.	
<u>Temas</u>	<u>Verbalizações</u>
A profissão: razão de adoecimento	<p>“Eu não era assim, tudo era normal, taxinhas normais”.</p> <p>“Minha pressão subiu muito”.</p> <p>“Esse agitação com meus nervos”.</p> <p>“Semana passada, minha pressão chegou há 20 x 10. O médico disse que estava nas portas de um AVC”.</p> <p>“Também, 11 anos [de profissão] é muita coisa, tem que ter muito jogo de cintura. Se bem que até os 9 anos de profissão não me sentia pressionada, não”.</p>

Reflexões sobre Maria do Socorro

“Luto demais em casa e na rua trabalhando”, assim Socorro se apresenta. No entanto, ao longo da entrevista vai expondo que, apesar das múltiplas atividades por ela desempenhadas, não fora suficiente para “entrar em parafuso”. Muito ao contrário, na “batalha da vida”, com suas durezas e dificuldades, ela preferiu nunca se lamentar, o que deu a ela uma tonalidade leve e suave, na qual aprendeu a “viver a vida da melhor maneira”, mesmo com todos os impasses e desafios impostos. Assim, ela se apresentou como uma batalhadora: “Sempre corri atrás. Já fui babá por muitos anos, depois limpava a grama do um quintal de um vizinho meu. Até chegar a ser taxista fiz muito esforço”.

A mobilização empreendida por Maria refere-se à luta que precisou travar para vencer alguns desafios. Ser taxista, revelou-se como um dos grandes feitos realizados por ela. Compreendemos, mais tarde, que essa função de tamanha identificação foi por ela amplificada, não se resumindo, apenas, a um mero exercício de “levar e trazer passageiros”; ela incorporou essa atividade ao seu estilo de vida e, desse modo, a

experiência laboral ocupa lugar de destaque na sua teia existencial - de todas as tarefas que desempenha, diariamente, trabalhar no táxi, revela-se como a mais importante.

A partir de sua atividade/experiência laboral, importantes recursos protetivos foram por ela descobertos. Por exemplo, foi na experiência intersubjetiva com seus passageiros-amigos que encontrou um espaço potencial, uma possibilidade de “holding”, parafraseando um conceito winnicottiano (Winnicott, D. 1993).

No processo de tornar-se Ser, a referência de holding fora, por nós, aproximada, porque é a partir da experiência do ofertar e do receber entre Maria e seus passageiros que uma “amizade de verdade” acontece; ela não só encontra quando necessita, mas oferece continência nos momentos de dificuldades de seus amigos-passageiros.

Esse campo, potencialmente terapêutico, existirá segundo Gomes e Júnior (2007), desde que as relações estejam permeadas por uma noção de flexibilidade e criatividade, constituindo-se em espaço de desenvolvimento interpessoal. Vejamos o que diz Maria: “Tem os passageiros que a gente cria amizade, escuto muita gente. Um passageiro dia desses me falou de sua família, filhos e mulher. Depois me pediu desculpas, eu é que agradei pela confiança depositada em mim”.

A amizade, como já mencionado, constitui um importante fator de proteção para ela. Essa dimensão foi identificada como fundamental para a preservação da sua saúde, assim como um suporte seguro a quem ela sempre recorre nos momentos de maior fragilização, frequentemente utilizada por ela como estratégia de enfrentamento. A percepção de Maria que a amizade a ajuda na superação das dificuldades é também comumente utilizada como uma saída para a solidão (no momento, vive sozinha com suas plantas e cachorros). O uso feito por Maria do contato pelos seus passageiros pode ser corroborado pela literatura, que aponta a amizade como uma dimensão constituinte da condição humana, possibilidade salutar e facilitadora na construção de laços sociais

de confiança e lealdade, favorecendo a saúde e o bem-estar de quem os possui. (Safra, 2004; Arendt, 1995).

Portanto, a postura cuidadosa e atenciosa de Maria informa aquilo que Hannah Arendt (1995) apontara, em sua obra “A condição humana”. Para essa autora, a amizade se constitui a partir de uma relação de escuta e acolhida desse outro que possibilita a irrupção da alteridade, configurando uma relação que amplia os horizontes existenciais promovendo sentimentos positivos e abertura para infinitas possibilidades saudáveis.

Destacamos, na história de Maria, a importância atribuída à amizade e ao orgulho de sua atividade profissional, no qual reverbera num exercício laboral que está além de “buscar e deixar passageiros nos lugares”, mas de oferecer-lhes um suporte de uma escuta verdadeiramente atenta quando solicitada.

Contudo, observa-se, em sua trajetória profissional, a vivência de outros aspectos ambíguos e contraditórios. Apesar da forte identificação com o seu trabalho, há presença de alguns conflitos e desconfortos que serão trabalhados, em seguida, na segunda e terceira unidades de sentido.

Não podemos deixar de enfatizar que a atividade desempenhada por Maria é de risco e ela defronta-se constantemente com situações de perigos, com os quais desencadeou um processo conflitante em sua vida. Entre os desconfortos enunciados e as nítidas repercussões na sua saúde, um deles configurou-se depois dos assaltos que sofrera: “Semana passada fiz onze anos de profissão, no dia do assalto, foi o presente que ganhei [...] esse agitação com os meus nervos é um exemplo disso”. O risco que envolve seu trabalho lhe faz pensar brevemente, no momento da entrevista, em trocar de profissão e, em função dessa possibilidade, instaura-se uma crise na vida de Maria.

Ao perceber-se pensando nessa questão, com certa agitação, replica: “Na minha cabeça eu não tenho coragem, me realizo muito com isso”. A contestação imediata dela nos leva a pensar em seu delicado dilema: o trabalho que foi fonte plena de realização, até determinado momento, apresentou outra face depois dos assaltos, diante da qual ela passa a se sentir ambígua e incoerente pela presença do amor ao trabalho, de um lado, e da vontade de desistir, de outro. Vejamos:

Minha praça fica perto de um hospital aí criei muitas amizades com médicos e medicas. Faço mandados para eles, além das corridas, é claro, tenho bons contratos e boas amizades com essas pessoas que são maravilhosas, considero a minha família, já que, no momento, moro sozinha. Essa profissão me dá esse direito de fazer muitas amizades. Até com os taxistas tenho muitas amizades, agora (*pausa*) tem o lado negativo... (Entrevistadora: *no que vc está pensando agora?*). Esse agitação com os meus nervos é um exemplo disso, de uns anos pra cá ... porque se eu não gostasse da minha profissão...(interrompe a fala).

No entanto, Maria não se convence e não se entrega a esses problemas. Surge, então, outro fator de proteção largamente utilizado por ela: a espiritualidade, que permeia todas as áreas de vida de Maria, utilizados como fator de proteção e estratégia para enfrentamento de crises, como a quem passado atualmente (Couto-Oliveira, 2007).

A espiritualidade exercida por Maria a ajuda a ter mais esperança e vontade de superar a crise do momento. Todavia, um ponto de contradição surge em seu discurso: por um lado, a fé como forma de sustentação e de reanimação; por outro, a lembrança recorrente do assalto, significando para ela, ausência de proteção divina. “Semana passada fiz onze anos de profissão, no dia do assalto, foi o presente que ganhei”, “só o Deus para confortar mesmo”. Em seguida, diz que foi um “golpe de destino [...] perdi aquilo que me dava mais prazer”.

Maria, embora admita sua desilusão com Deus, afirma que sem Ele a vida teria sido muito pior, e considera que provém de sua evolução espiritual o fato de vencer as

situações adversas que a vida lhe impõe, “como, por exemplo, o assalto que sofri, foi barra, aliás, é barra”.

Mesmo com uma vida difícil desde a infância, com escassos recursos materiais, Maria considera que viveu mais processos de proteção e ajuda do que de risco, contudo, nos últimos dois anos, os fatores de risco se apresentaram numa maior frequência, e deixaram marcas sobre sua saúde. Essa preocupação se expressa através das seguintes queixas:

Eu não era assim, tudo era normal, taxinhas normais... E tudo mais, mas de uns dois anos pra “cá” [...] minha pressão subiu muito. Eu tinha pressão elevada, mas desse jeito de agora, não! Semana passada chegou há 20 x 10. O médico disse que estava nas portas de um AVC. Também, 11 anos é muita coisa tem que ter muito jogo de cintura. Se bem que até os 9 anos de profissão não me sentia pressionada, não. Agora é que o trânsito está muito louco, muito mal, mal mesmo.

Dois anos é o período inicial sentido por Maria em que as dificuldades na área da saúde começaram a surgir de forma mais contundente. Isso se deve ao fato dos “estresses que tem” terem se elevado, assim ela compreende. É interessante observar que foi nesse período, há dois anos, que lhe aconteceu o primeiro assalto. Entretanto, sua pressão arterial chegou ao ápice, na semana anterior à entrevista, quando acabara de sofrer, o segundo assalto de sua vida. Dessa vez, mais violento e com perdas mais significativas, conforme notado na seguinte sentença: “Eu tinha pressão elevada, mas desse jeito de agora, não! Semana passada chegou há 20 x 10. O médico disse que eu estava nas portas de um AVC”.

O primeiro assalto deixou sequelas em Maria, e seu estado passou para um alerta constante. O segundo episódio, como mencionado, deixou marcas ainda maiores. Dessa vez, seu táxi fora roubado, representando não só uma perda material, mas, sobretudo, a perda, ainda que temporária, de outras dimensões fundantes em sua vida, entre elas o contato constante e vitalizante com seus passageiros, amigos e colegas de

profissão, os quais ela incorporou à sua verdadeira família e representam, para ela, “pessoas maravilhosas, considero a minha família, já que no momento moro sozinha. Essa profissão me dá esse direito de fazer muitas amizades”.

Para esse sentimento de necessidade do outro, revelado por Maria, Arendt (1995) e Bauman (2004), se debruçaram. De acordo com esses autores, a realidade do mundo só pode ser garantida pela presença dos outros; essa abertura aos outros é precondição da humanidade. Desse modo, uma das saídas encontradas por Maria, para fazer-se presente no mundo, reside no desempenho da sua atividade laboral, dimensão esta que assume uma faceta estruturante, conduzindo-a a um lugar de protagonismo na teia social.

Maria do Socorro, que embora tenha escolhido Socorro como codinome para a entrevista, talvez o tenha ocorrido porque no momento em que esta foi realizada, procedeu em sua vida um das situações mais difíceis. Será “Socorro” um pedido de ajuda para não sucumbir às ameaças que a profissão que ela tanto ama e, que lhe traz também tantos riscos? Pareceu-nos que sim.

A história de vida, e os eventos adversos, a que Maria do Socorro viveu e vive ainda hoje, foram todos duramente enfrentados. Evidenciou-se uma adaptação por parte dela, aos eventos estressores pelos quais passou durante sua vida, apontado para a importância e presença constante, dos fatores de proteção e das estratégias de enfrentamento, largamente utilizados por ela.

Coragem: professora há 22 anos. “Quando vejo, no círculo, família, trabalho e marido ‘ao redor de um copo’, tudo transbordou e eu chorei muito”.

Unidades de sentido

<u>Sobrecarga das múltiplas atividades</u>	
Definição: Tarefas desempenhadas no âmbito privado e público	
<u>Temas</u>	<u>Verbalizações</u>
Excesso de atividades	<p>“Eu chego, durmo e volto pra escola”.</p> <p>“Quando chego à noite estou cansada, supercansada”.</p> <p>“Eu me doo muito”.</p> <p>“Eu dou conta de tudo só”.</p> <p>“Só sobra muita carga, mas já pensei em desistir”.</p> <p>“Era eu sozinha, eu que cuidava da casa e deles, sempre mimei muito”.</p> <p>“E o que acaba sobrando pra mim? Tudo”!</p>
Cuida menos dos filhos do que gostaria	<p>“Meu Deus, quanto tempo faz que eu não vejo as meninas! E, aí, a qualidade da relação fica prejudicada”.</p> <p>“E, às vezes, quando crio um espaço, estou tão cansada que penso: tomara que termine logo isso, que acabe isso”.</p> <p>“Você quer atender à expectativa dos seus filhos, mesmo estando muito cansada”.</p> <p>“Chego tão cheia, transbordando, que, às vezes, eu anuncio: não puxem assunto comigo hoje, não”!</p>
Avaliação de vida	<p>“Quando vejo, no círculo, família, trabalho e marido ‘ao redor de um copo’, tudo transbordou e eu chorei muito”.</p>
<u>Identificação com a profissão</u>	
Definição: Engloba aspectos de forte identificação com a profissão, mesmo que ofereça riscos ou não ofereça condições adequadas de trabalho.	

<u>Temas</u>	<u>Verbalizações</u>
Projetos profissionais	<p>“Sou muito sonhadora, quero fazer um projeto na escola, diferente”.</p> <p>“Não há amor por parte de alguns, nem tampouco transparência”.</p> <p>“Então essas minhas ideias de fazer e acontecer na escola, ser criativa e tudo mais me foi muito apoiado [pelo grupo de capacitações]. Na escola? Nada. Ridicularizada”.</p>
<u>Repercussões sobre a saúde</u>	
Definição: Prejuízos à saúde, causas de adoecimento.	
<u>Temas</u>	<u>Verbalizações</u>
Motivo de internamento	<p>“Tive uma ... sei lá... uma... Crise? Crise de choro? Fui até o hospital”.</p> <p>“Quando tive essa crise de choro, ela era interminável. Eu não parava, não”.</p> <p>“Tive que ir pro hospital”.</p> <p>“Quando fui hospitalizada, tive um horror e pavor”.</p> <p>“Coisas me deixam triste”.</p>
Inquietações existenciais	<p>“A médica, no dia que me internei, me deu esses remédios [ansiolíticos] e eu fiquei elétrica ainda, cheguei em casa assisti, li e só depois consegui dormir”.</p> <p>“Eu me sinto assim: amarrada, bloqueada, sem poder fazer, produzir”.</p> <p>“Eu acho que eu ficaria envergonhada de entregar os pontos”.</p>
Perigo por não ter com quem dividir seus problemas	<p>“Cheguei a um ponto total de desconfiança, não confio em ninguém”.</p> <p>“Verdadeiramente ninguém me entende. Dá vontade, às vezes, de fugir, escapar”.</p> <p>“Você vê não é? Que não consigo parar de chorar...”</p> <p>“Guardo tudo. É justamente isso”.</p> <p>“Eu me vejo... oprimida... Sem espaço”.</p>

Reflexões sobre Coragem

Coragem encena, em seu cotidiano, uma história que é semelhante a uma parcela significativa das mulheres brasileiras: a sobrecarga de papéis e acúmulo de

atividades. (Diniz, 2004; IBGE, 2007). Não por acaso, o nome por ela escolhido corresponde aos termos perseverança, ousadia e bravura face ao perigo, segundo o Aurélio (2007).

Percebemos, no decorrer de seu relato, o quanto a coragem lhe tem sido necessária, sem ela dificilmente suportaria as angústias e sofrimentos presentes no seu dia-a-dia repleto de múltiplas cobranças familiares, profissionais e, sobretudo, pessoais.

Ao mesmo tempo em que se revela “esvaziada de sentimentos” parece que os excessos de compromissos, por ela assumidos, preenchem o vazio que sente e tanto a incomoda. “Chego, durmo e volto pra escola” destaca a professora, que há 22 anos cumpre uma dupla e, às vezes, tripla rotina de trabalho.

Coragem assumiu, ao longo desses 22 anos, as responsabilidades do trabalho extradomiciliar (como professora), e domiciliar (cuidados e organização com filhos e casa). Isenta filhos e marido de qualquer ônus advindo dos trabalhos domésticos, justifica a ausência de colaboração do marido do seguinte modo: “ele [o marido] está sempre longe. Como carreteiro, ele passa, às vezes, um mês inteiro fora de casa”. Percebemos que Coragem refere-se ao trabalho do seu esposo com certa mágoa, sua ausência como pai e educador dos filhos representa apenas mais um, dos muitos pesos existentes na vida de Coragem.

Quanto à isenção dos filhos nos fazeres domésticos, ela se sente mais confortável e satisfeita em vê-los se dedicando apenas aos estudos e cursos de aperfeiçoamento. Ao mesmo tempo que tal posicionamento frente aos filhos só a faz se sentir desvalorizada, por outro lado esse alívio consentido aos filhos funciona como uma espécie de compensação, já que ela acha insuficiente o tempo dedicado em seu desempenho como mãe. Carrega um profundo sentimento de culpa em relação aos cuidados dispensados aos seus filhos. Segundo ela, oferece “menos do que gostaria” e,

como consequência, se sente em dívida com eles. Por várias vezes já se perguntou se não poderia corresponder mais adequadamente aos anseios de atenção de seus filhos. Sua autocrítica e necessidade de corresponder integralmente às solicitações de seus filhos evidenciam-se nas seguintes sentenças: “Às vezes, quando crio um espaço [de escuta e acolhimento] estou tão cansada que penso: tomara que termine logo isso, que acabe isso”. Sua impaciência frente aos pedidos de seus filhos deixam uma marca de evidente culpabilização.

Prosseguindo, ela diz: “Você quer atender às expectativas dos seus filhos mesmo estando muito cansada”. Observa-se que o excesso de trabalho e o efeito dessa carga a fazem sofrer e perder em qualidade de vida. Tudo isso é acrescido pelo fato de não “ter o poder” de corresponder “totalmente” às necessidades dos filhos, da casa e de si mesma. A origem de seu dilema reside na falta de tempo dispensada aos filhos ocasionada pelo trabalho extradomiciliar, e diz: “Meu Deus, quanto tempo faz que eu não vejo as meninas! E, aí, a qualidade da relação fica prejudicada”. O que fica registrado, do depoimento de Coragem, é a fragilidade dos laços afetivos familiares, agravados por sua falta de tempo.

O sociólogo polônes Zygmund Bauman (2004) problematiza, em seus estudos, a fluidez e fragilidade das relações humanas no atual cenário da contemporaneidade e revela, através de suas análises, uma precariedade cada vez mais forte dos laços afetivos:

No líquido cenário da atualidade, são os relacionamentos que melhor representam os agudos e desconcertantes sentidos da ambivalência. A contemporânea fragilidade dos laços humanos produz sentimento de insegurança que incute desejos e sentimentos ambíguos de estreitamento e frouxidão dos laços ao mesmo tempo. Diante da precariedade nos relacionamentos e do contexto de individualização, há um esforço por relacionar-se, porém os relacionamentos a longo prazo que envolvem parcerias, compromisso e engajamento mútuo são vistos com desconfiança e ameaça (Bauman, Z. p. 26).

Coragem, ao mesmo tempo em que reconhece dar “conta de tudo só”, considera sua atenção dedicada aos filhos insuficiente, tal cobrança a conduz a uma séria crise, a ponto de pensar em desistir de tudo, revelando um desejo de “entregar-se à depressão e à tristeza” como solução para sua vida, que, de acordo com ela “transborda”.

A metáfora do transbordamento revela um ultrapassar dos limites de situações suportáveis por Coragem. Logo em seguida ao enunciado do transbordamento, ela verte-se em lágrimas compulsivamente. Minutos depois, ainda muito emocionada, diz: “Quando vejo, no círculo, família, trabalho e marido ao redor de um copo, tudo transbordou e eu chorei muito”. Coragem, aqui, se refere, ao episódio em que necessitou de internação hospitalar, tamanho era seu descontrole emocional, repetindo, mais uma vez, o sentimento de transbordamento por ela vivenciado. Dessa vez, uma crise existencial generalizada se expande e alcança proporções difíceis de serem administradas por ela, necessitando “de muita coragem para enfrentar os desafios”. Ao que se nota, sobretudo, nas dimensões: trabalho e saúde, os prejuízos são ainda mais evidentes.

Por ser uma mulher profundamente comprometida com seus alunos, Coragem idealiza um ambiente de trabalho muito distante daquele encontrado em sua realidade. Não obtém apoio da direção do colégio e, por não encontrar ressonância em seus anseios profissionais, aumenta a cada dia, sua frustração. Lembramos, contudo, que esse não é o único lugar no qual se sente desamparada e sem pares de pertencimento, a representação do seu lar e de seu esposo dá-se de igual maneira.

Esse sentimento de desamparo coincide, com outro por nós aqui analisado – a sensação desconfortante de transbordamento. O excesso de responsabilidade e as elevadas cobranças de Coragem levaram-na a um estado de nervos preocupante. Sua saúde bastante comprometida se revela nas seguintes sentenças: “tive uma... sei lá...

crise? Uma crise de choro e fui parar no hospital, quando tive essa crise de choro, ela era interminável eu não parava, não”. Sua “crise de choro” por repetidas vezes, não é preocupação atual, trata-se de um sintoma sentido há muitos anos e que se intensificou no presente. Causando preocupação ao médico que a atendeu em um desses episódios, que lhe recomendou atendimento psicológico imediato em virtude de seu elevado grau de sofrimento. Entretanto, Coragem se sente “sem energia nenhuma”. Além do mais, não encontra apoio do seu entorno familiar e profissional, por isso não encontra forças suficientes para procurar uma ajuda médica e psicológica.

Coragem que cuida - ou pelo menos tenta cuidar - de todos, não se sensibilizou com o próprio estado físico-emocional. Enfrenta seu dia-a-dia negando sua delicada fragilidade emocional e segue, como se nada estivesse lhe acontecendo. Ela nos fala: “Fazer o quê? preciso continuar ainda que coisas tristes me aconteçam”; e prossegue: “Não é a primeira vez que isso me acontece, já tive diversas crises”. Reconhece sua dificuldade em compartilhar seus problemas e lamenta a sua perda de contato com amigos que poderiam, nessa hora, oferecer alguma ajuda, acrescentando:

Bem que dividir minhas agonias podia, quem sabe, até me ajudar, mas com quem farei isso? Com minha mãe? Meus filhos? Meu esposo nem posso contar, ele está sempre longe de casa. Que amigos poderia contar, *acho que afastei todos*. Cheguei a um ponto de total desconfiança, não confio em ninguém. Verdadeiramente ninguém me entende, dá vontade, às vezes, de fugir, escapar (grifos nossos).

O fracasso da comunicação é outro problema mencionado por Coragem, no qual, mediante as incontáveis falhas na comunicação corroborada, provavelmente por achar que pode dar conta de tudo sozinha, culminou em um isolamento. E revela, “Guardo tudo. É justamente isso. Eu me vejo... Oprimida... Sem espaço”.

Seu desejo de inclusão e necessidade de se sentir escutada torna-se evidente quando ela, nitidamente, utiliza o momento da entrevista como real possibilidade de catarse. Deparou-se, no momento da entrevista, com uma pessoa interessada em sua

história e que lhe garantiu o sigilo. Nesse contexto, parece que a entrevista proporcionou-lhe uma maior segurança e liberdade para falar abertamente. Ela diz: “Sei que, aqui, posso falar à vontade, não vai constar meu nome em lugar nenhum, você nem me conhecia antes de hoje mesmo e, provavelmente, não nos veremos mais”, apontado para a desconfiança generalizada sentida em suas relações afetiva.

Ao mesmo tempo em que sua fragilidade e desequilíbrio emocional aparecem frequentemente em suas falas, uma esperança e desejo de melhoria também surgem. Assim, ela nos fala: “Ainda sou muito sonhadora, quero fazer um projeto na escola, diferente.” Quando perguntada se é apenas na escola que espera mudanças, ela responde soluçando: “Sei que ainda é pouco, mas é o mais importante para esse momento”.

Identificar-se com o trabalho e não ter as expectativas atendidas, representa segundo a literatura especializada, uma fonte potencial de sofrimento e riscos à saúde (Codo, 2004). Nesse contexto de altas cobranças pessoais e profissionais e baixos retornos, ela conclui “doar-se muito dói demais”. O excesso da sentença revela o estado de profundo sofrimento em que se encontra Coragem.

Compreende-se profundamente o sentido da escolha por esse “codinome”. É na presença da coragem, e somente com ela, que sua vida torna-se “suportável”. E é por isso que o adjetivo, por ela escolhido, transformou-se, ao longo da entrevista, em nome próprio, representando seu grito de coragem. Para continuar a vida.

Alegria: Professora há 25 anos. “Ter uma mãe assim é muito bom, que faz tudo, ajuda, incentiva... Alto astral”

Unidades de sentido

<u>Sobrecarga das múltiplas atividades</u>	
Definição: Tarefas desempenhadas no âmbito privado e público	
<u>Temas</u>	<u>Verbalizações</u>
Trabalhou muito quando foi extremamente necessário.	“Quem cuidava de tudo era eu, eu sempre cuidei de tudo, entendeu? só com a carga toda. Não dava”. “Já teve tempo em que eu tinha 350 horas-aulas e ainda cuidava da minha casa”. “É tudo por minha conta, meus filhos não podem me ajudar tanto agora”. “Deixava em casa tudo pronto, era só pra ela [a mãe] olhar por eles [os filhos] e dar comida”. “Fazia faculdade, trabalhava, mas o importante era estar tudo certo dentro de casa”. “Nunca gostei de casa, sempre fiz por necessidade, a gente precisa de casa limpa não é? A única coisa que eu gosto é de fazer comida”. “Eu também conto com a ajuda de uma pessoa, eu pago uma pessoa para ‘faxinar’, entendeu?”. “Houve um tempo que, quando não podia pagar alguém para me ajudar, eu tinha que lavar, passar, cozinhar e arrumar”.
<u>Identificação com a profissão</u>	
Definição: Engloba aspectos de forte identificação com a profissão, mesmo que ofereça riscos ou não ofereça condições adequadas de trabalho.	

<u>Temas</u>	<u>Verbalizações</u>
Satisfação e insatisfação	<p>“Quando era mais nova pensei ate em fazer outra coisa, mas aí eu pensei vou fazer que outra coisa?”.</p> <p>“Eu só sei fazer isso, entendeu?”.</p> <p>“Me identifiquei com ensino e continuarei, mas teve momentos que ai, meu Deus!”</p> <p>“Não vou conseguir ficar parada, sou uma pessoa que estou sempre fazendo algo [pensando na aposentadoria].”</p>
<u>Repercussões sobre a saúde</u>	
Definição: prejuízos à saúde, causas de adoecimento.	
<u>Temas</u>	<u>Verbalizações</u>
Por encontrar grande apoio de seus parentes, nunca adoeceu muito.	<p>“A dificuldade que eu encontro é menor atualmente”.</p> <p>“A gente fica assim, tão cheio de coisas nas costas, uma desilusão que sofri, aí capenguei sabe?”.</p> <p>“E se você não procurar contornar, pode chegar a um ponto gritante de conflito sério”.</p> <p>“Eu sentia um cansaço danado, não tinha energia nem muita infraestrutura de trabalho. Tive problemas de pressão alta”.</p> <p>“Me dava muita dor de cabeça, uma série de coisas”.</p>

Reflexões sobre Alegria

Com sorrisos e um abraço caloroso, Alegria me recebeu na escola em que trabalha há 25 anos. A entrevista iniciou-se num clima leve e amistoso, e assim transcorreu todo o seu depoimento, o que não implica dizer que a sua rotina é assim tão tranquila, mas que ela lançou mão de estratégias para driblar seu cansaço. Sua carga horária de trabalho remunerado já chegou a totalizar 350 horas por mês, sem contabilizar o tempo dispensado ao trabalho não-remunerado, ou seja, cuidados com a casa e seus dois filhos - responsabilidade que já foi, por quase dez anos, inteiramente sua. Resume essa fase como atribulada e dispara: “quem cuidava de tudo era eu, eu sempre cuidei de tudo, entendeu?”.

Alegria reforça o que já havia falado: “Já teve tempo em que eu tinha 350 horas-aulas e ainda cuidava da minha casa”. Com esta declaração, parece ter ficado um triste registro daquela época.

O casamento que durou pouco mais de dois anos também não ocupou os melhores lugares em suas lembranças. A separação ocorreu por nunca ter existido entre o casal uma divisão igualitária das responsabilidades econômicas e administrativas do lar, tudo ficava sob a sua responsabilidade. “Ele não era de assumir nada, empregava e desempregava com muita facilidade, além do mais chegou o tempo que ele me traiu”, contou. Esse último acontecimento apenas reforçou o seu desejo de separação, com “a carga toda” sob sua responsabilidade. “Daquele jeito não dava mesmo” ela verbaliza.

Seu maior problema não era sustentar a casa sozinha, mas sim o “esposo acomodado”. Entretanto, sua decisão em separar-se, com filhos ainda muito pequenos, só foi possível, segundo ela, por que encontrou grande apoio em sua família de origem, sobretudo a mãe, que passou a cuidar dos netos pequenos: “Se não fosse ela [a mãe], nada disso seria possível”. A ajuda da mãe se configurou fundamental, a ponto dela

realizar o grande sonho de cursar o Ensino Superior e continuar trabalhando. Esses anos “corridos e atribulados” só foram possíveis, como já afirmado, pela ajuda da mãe e, como resultado, proporcionou uma melhoria de salário e qualidade de vida para toda a família.

Como percebido, a ajuda da mãe ocupou importante função protetora na vida de Alegria, no entanto, ela faz questão de assinalar que embora sua vida profissional ocupasse papel de destaque, “o importante mesmo era tudo estar certo dentro de casa”. Ou seja, a organização do lar e dos filhos aparece como sendo o aspecto mais valorizado por Alegria. As atividades do âmbito privado permaneceram por toda vida como as mais relevantes e, mesmo com a expressiva ajuda de sua mãe, as atividades práticas do dia-a-dia eram por conta da entrevistada, que ainda diz: “Quando não podia pagar alguém para me ajudar eu tinha que lavar, passar, cozinhar e arrumar, deixava em casa tudo pronto, era só pra ela [a mãe] olhar por eles[os filhos] e dar comida”. Seus filhos, assim que se tornaram adolescentes, foram convocados a contribuir nos afazeres, o que representou um alívio significativo para ela, que diz, “sem a ajuda deles nada também seria possível”.

Alegria diz: “Fazia faculdade, trabalhava, mas o importante era tudo estar certo dentro de casa”. Entretanto, as melhorias salariais advindas do curso superior foram revertidas em ganhos, materiais e subjetivos, na vida dela e de seus filhos, como, por exemplo, a contratação de uma empregada doméstica, o que aliviou a sobrecarga sofrida por Alegria. Fato este responsável pela diminuição drástica de suas atividades “cansativas e chatas dentro de casa”, que ela só fazia por não ter outra saída. Nunca se identificou com o trabalho doméstico e pagar um funcionário para realizar tais tarefas a transformou numa pessoa “ainda mais feliz”. E acrescenta: “Sempre fiz por necessidade, a gente precisa de casa limpa, não é? A única coisa que eu gosto [dentro de

casa] é de fazer comida”. Embora admita e reconheça como mais importante a organização do lar, a maior identificação dela, no momento, reside no desempenho de sua atividade profissional.

A avaliação de Alegria sobre seu trabalho remunerado não é de completa satisfação: “É bom, mas nem tanto”. Todavia, parece que seu trabalho resultou numa espécie de compensação do alívio da sobrecarga do trabalho doméstico, tanto que ela afirma que foi o trabalho que lhe propiciou pagar uma empregada doméstica.

Sua reflexão segue no passo de questionamentos se está realmente satisfeita com sua profissão ou se é “um consolo” pensar que é com esse trabalho que se livra das atividades da casa. Por essa desconfiança, até já pensou em outras possibilidades com melhores remunerações, mas não sabia no que pensar como alternativa: “Eu só sei fazer isso, entendeu?”.

Sua queixa está centrada na baixa remuneração e no excesso de trabalho que lhe “consome quase todo tempo”. Ela não reclama da função desempenhada em si, mas, muito pelo contrário, se diz realizada e não conseguiria “ficar parada, sou uma pessoa que estou sempre fazendo algo”. Pensa, nesse momento, na aproximação da aposentadoria: “Me identifiquei com o ensino e continuarei, mas teve momentos que, ai, meu Deus!”. Fica evidente o quanto sua fala migra da identificação para a não-identificação com o trabalho remunerado. Nesse ínterim, ela pergunta à pesquisadora: “Vou fazer que outra coisa?”. É dessa reclamação, da sobrecarga de trabalho e da preocupação de não saber fazer outra coisa, que suas ansiedades se elevaram, sendo as responsáveis pelo desequilíbrio em sua saúde. Segundo ela, esse processo desencadeou outras doenças, entre elas constantes dores de cabeça, hipertensão e “um cansaço danado, não tenho energia para nada”.

O “efeito cascata” provocado pelas cobranças profissionais, acarretou-lhe um nível elevado de estresse, que a obrigou, como noutras crises vivenciadas por ela, buscar uma solução. A resposta chegou com a diminuição da carga de trabalho e investimento em áreas de bem-estar como lazer (dança e viagens) e hidrogenástica. Segundo seu próprio alerta, “se você não procurar contornar, pode chegar a um conflito gritante sério” diz.

Ela sempre procurou saídas potencialmente saudáveis, tanto nas crises vividas pela separação quanto no gerenciamento da casa e cuidado com os filhos; e, por isso mesmo, considera-se, no momento, gozando dessa boa fase, fruto de sua conquista. É interessante observar que ela sempre recebeu apoio do entorno social (mãe, filhos e empregada). E, com isso, recebeu, com menor impacto, o peso das múltiplas atividades.

O “alto-astral” aludido por Alegria reflete-se no codinome escolhido. Segundo ela, caso não fizesse essa opção, chegaria um dia em que ela ficaria “pinel”; mas, entre a loucura e a alegria, ela escolheu a segunda opção.

Justiça: Segurança armada há três anos. “Só porque não tenho tempo suficiente para cuidar de tudo sozinha, senão faria”.

Unidades de sentido

<u>Sobrecarga das múltiplas atividades</u>	
Definição: Tarefas desempenhadas no âmbito privado e público	
<u>Temas</u>	<u>Verbalizações</u>
O dia é pouco para fazer tudo o que gostaria	<p>“Eu gosto muito de arrumar casa. Todos os dias sempre escolho o que vou fazer, ou na casa ou na cozinha. Faço alguma coisa, diariamente”.</p> <p>“Sempre decido o que fazer. A menina [faxineira] só me dá... um suporte?”.</p> <p>“É só por que não tenho tempo suficiente para cuidar de tudo sozinha, senão faria”.</p>
<u>Identificação com a profissão</u>	
Definição: Engloba aspectos de forte identificação com a profissão, mesmo que ofereça riscos e/ou não ofereça condições adequadas de trabalho.	
<u>Temas</u>	<u>Verbalizações</u>
Identificação na infância	“Desde muito nova tinha a semente da justiça plantada e arrancada de mim”.
Crescer na profissão	<p>“Achava que logo seria uma policial, mas não deu”.</p> <p>“Os riscos são muito grandes, eu fico no mesmo posto todo dia”.</p> <p>“Quero ainda mais, quero ser policial”.</p>

<u>Repercussões sobre a saúde</u>	
Definição: Prejuízos à saúde, causas de adoecimento.	
<u>Temas</u>	<u>Verbalizações</u>
Enfrentamento dos conflitos	“Combatia minhas dores vindo trabalhar”. “Tive grande tristeza, mas superei, nunca me entreguei não”.

Reflexões sobre Justiça

A entrevista com *Justiça* transcorreu num clima de muita tranquilidade e leveza. Nossa entrevistada conseguiu, ao longo dos anos, com muita dedicação ao trabalho e ao filho, aliviar sua carga de trabalho, e isso se deu com a contratação de uma funcionária para organização parcial do lar; além disso, conta com a ajuda de sua mãe.

Mesmo, atualmente, podendo pagar uma funcionária (fruto de seu trabalho), prefere deixar para si mesma algumas tarefas domésticas, sobretudo aquelas consideradas como mais importantes. Arrumar casa e cozinhar, por exemplo, ficam por sua conta. “Eu gosto muito de arrumar casa, todos os dias sempre escolho o que vou fazer, ou na casa ou na cozinha, faço alguma coisa diariamente”, ela nos fala.

Parece que, para *Justiça*, o importante mesmo é que todos saibam que quem trabalha verdadeiramente naquela casa e assume as maiores responsabilidades é ela. Acredita ainda que a função dentro do lar só seja fundamental por que, mesmo com a ajuda de outros (mãe e funcionário), é dela a maior responsabilidade, não “apenas a direção, mas a gerência de casa também”. Ela justifica, ainda, que seu maior inimigo é a falta de tempo, pois se o dia “tivesse quarenta e oito horas daria conta de tudo sozinha”. Vejamos o que ela diz: “Infelizmente, não tenho tempo suficiente para cuidar de tudo sozinha, senão faria”. Parece que sua preocupação é não ter seu lugar usurpado,

por isso relata que está sempre atenta em relação a essa questão e todas as decisões da casa, por menores que pareçam ser, passam necessariamente pelo seu crivo. “Sempre decido o que fazer, a menina [faxineira] só me dá... Um suporte?”, demonstra.

Seu desejo de manter qualquer decisão referente à casa sob sua “gerência” corresponde igualmente ao da boa parte das nossas entrevistadas, de atender, de modo integral, às expectativas dos filhos e da casa.

A casa, como já vimos, ocupa importante lugar na vida da nossa entrevistada; e o trabalho corresponde a uma importante dimensão em sua vida, representando uma fonte de satisfação para a vida de Justiça, sem o qual seria impossível ter saúde, pois ele denota, para ela, verdadeira fonte de realização e saúde.

O valor subjetivo do trabalho, já mencionado nessa pesquisa, só reforça aquilo que Justiça sente, sem ele: “Não teria condições de superar as dores”. O investimento no trabalho retirou Justiça de um estado depressivo, segundo ela ocorrido após uma conturbada separação conjugal. Assim ela revela: “Combatia minhas dores vindo trabalhar, tive grande tristeza, mas superei. Nunca me entreguei, não”.

As estratégias de enfrentamento, utilizadas por ela, consistiram num bom uso do trabalho e dedicação a casa e ao filho. Talvez, por isso, ela assuma a maior responsabilidade pela organização da casa. Foi no investimento desses espaços que ela encontrou saúde e modo de enfrentar a dor.

A profissão de segurança armada lhe assegurou a realização de um sonho desde pequena: ajudar o próximo e ser justa com os outros. Mesmo que esse trabalho implique em exposição a riscos, ela não hesita em afirmar que ama e não abriria mão de sua profissão: “Me sinto plenamente realizada, mesmo sabendo que corro riscos e, por tabela, meu filho também corre, se algo de mal me acontece, acontece a ele também”.

As questões familiares sempre rondam a vida de Justiça, que pensa: “Oferecer segurança pode significar colocar a vida do meu filho em risco e isso é ruim”. Vemos também mais um exemplo de como as questões, referentes à maternidade, estão acima de qualquer outra, quando ela complementa com tom de tristeza: “Já pensou meu filho sem mãe, sendo cuidado pelos outros?”. Mesmo com todos esses riscos, ela nunca pensou em trocar ou abrir mão desse trabalho. Segundo ela, “nada pode ser totalmente perfeito e fazer o que se gosta já é suficiente para encontrar felicidade”.

Justiça foi entre todas as entrevistadas a que mais destacou uma profunda identificação com seu trabalho. Tanto que sua queixa é referente aos riscos que essa profissão traz ao filho dela, já que qualquer coisa que a acontecesse o atingiria. Não fosse por isso, ela estaria plenamente feliz.

Aliás, essa foi uma das principais ideias expostas por Justiça. Mesmo com tantas responsabilidades e enfrentando adversidades, sua vida é bem melhor na atualidade, pois agora se sente senhora de sua própria vida e segue em liberdade, fazendo o que gosta e obtendo prazer com as atividades que executa em sua rotina. Seja no trabalho, em casa, ou com o filho, hoje, ela sente que alcançou uma vida que merecia há muito tempo, ou seja, uma vida justa.

ENTREVISTADA N. 6

Cigana: Policial há 23 anos. “De tudo a tudo eu sou a responsável”.

Unidades de sentido

<u>Sobrecarga das múltiplas atividades</u>	
Definição: Tarefas desempenhadas no âmbito privado e público	
<u>Temas</u>	<u>Verbalizações</u>
Excesso de compromissos e responsabilidades	“Sou mãe, mulher e profissional. Mais sei que sou muito mais mãe mesmo”. “Fiquei até duas horas da manhã com um deles pra fazer trabalho e isso nós nos acordamos de cinco horas todos os dias”. “De tudo a tudo eu sou a responsável”. “Assumi, na verdade, tudo sozinha, quer dizer meu menino arruma umas coisas”. “Teve uma época em que eu estava, além dos três turnos trabalhando, eu ainda dava palestras, e cursos pra comunidade. Chegava em casa quase doze horas” [da noite]. “E eu sacrificando meus filhos pelos filhos dos outros”. “Mas não deixaria nada de mão, não abriria mão de nada”. “Eu nunca me entreguei”. “A maior responsabilidade é realmente minha”. “O alicerce [da casa] é Cigana”. “O mais importante é sempre eles” [os filhos].
<u>Identificação com a profissão</u>	
Definição: Engloba aspectos de forte identificação com a profissão, mesmo que ofereça riscos e/ou não ofereça condições adequadas de trabalho.	

<u>Temas</u>	<u>Verbalizações</u>
Os desafios e exigências da profissão	<p>“23 anos de trabalho e bastante dedicação”.</p> <p>“Sacrifiquei a família pelo trabalho”.</p> <p>“Saí para trabalhar, fiz o primeiro expediente, o segundo e no terceiro tinha que ir até 11 da noite”.</p> <p>“É duplo risco: o marido e a profissão”.</p>
<u>Repercussões sobre a saúde</u>	
Definição: prejuízos à saúde, causas de adoecimento.	
<u>Temas</u>	<u>Verbalizações</u>
Culpabilizações e desistências no cuidado de si-mesmo e dos filhos.	<p>“Ôôô!!!! Procurei ajuda de uma psicóloga lá no quartel. Meus filhos também estavam precisando”.</p> <p>“Eu sei que tenho culpa também de ter deixado as coisas chegarem ao ponto que chegou”.</p> <p>“A gente nem se dá conta quando olha é que vê o estágio das coisas”.</p> <p>“Iniciei um check-up, mas suspendi”.</p>

Reflexões sobre Cigana

Cigana é o nome escolhido por nossa entrevistada e faz alusão aos aspectos intuitivos de sua personalidade. “Acho que Deus aguçou meu sexto sentido porque ia precisar usá-lo bastante”, ela nos diz, se referindo a uma série de episódios dramáticos, nos quais, não fosse sua intuição, muitos problemas teriam se agravado.

Cigana posiciona-se de um lugar fundamental e insubstituível no seu grupo familiar e no local de trabalho. E, para manter-se em tal posição, assume triplas e, às vezes, quatro jornadas de trabalho: “Sou mãe, mulher e profissional, mas sei que sou

muito mãe, mesmo”. Essa interação entre maternidade, mulher e trabalho merece destaque.

Ela nos aponta, em diversas falas, que perderia sua “inteireza”, ou seja, sua integralidade estaria ameaçada caso abdicasse de uma dessas funções. Ela ressalta que já houve “época em que estava além dos três turnos trabalhando, e eu ainda dava palestras e cursos para a comunidade. Chegava em casa quase doze horas [da noite] durante a semana”. Com isso, seu tempo para a família ficava limitado; e como ela afirma ser “muito mais mãe mesmo”, ocorria-lhe, frequentemente, sentimentos de culpa e frustração no que se referia ao desempenho da maternidade.

Essas reflexões anteriormente comentadas foram igualmente encontradas em pesquisa realizada por Veronese (2007), na qual identificou uma culpa exacerbada entre algumas mulheres, gerada a partir do exercício de múltiplas jornadas de trabalho quando acarretam prejuízos no atendimento pleno da maternagem e atividades domésticas. Como vimos, para Cigana, há um duplo conflito: a necessidade de uma maior presença no lar e no cuidado com os filhos e o trabalho como policial, importante fonte de satisfação e necessidade em níveis pessoal e material.

Como a manutenção econômica da família é de inteira responsabilidade dela, conforme diz: “A maior responsabilidade é realmente minha”, o exercício laboral aparece como realização, mas também como necessidade garantidora da sobrevivência familiar. O único rendimento fixo dessa família advém dos trabalhos remunerados de Cigana e isso a faz se sentir, mais uma vez, como eixo principal do grupo familiar.

Dessa forma, o trabalho remunerado para Cigana representa mais que um desejo de realização pessoal. É, sobretudo, a responsabilidade assumida, pelo compromisso das necessidades físicas e materiais de seus quatro filhos e esposo.

Entretanto, o preço pago é muito alto, seu cansaço é evidente e as alternativas de mudança são escassas. Após o reconhecimento da inviabilidade de ter quatro jornadas de trabalho a continuar oferecendo uma boa assistência aos filhos, permaneceu numa inquietação até quando, numa das palestras que ministrava sobre mediação familiar, se deu conta da omissão em relação a seus filhos, interrogando-se sobre a pouca ou nenhuma assistência oferecida a eles. Sentiu-se incoerente diante de tal situação e lutou para reduzir de quatro para três jornadas extradomiciliares. Vejamos seu relato:

Chegou o dia em que pedi dispensa, pois não tava dando, não, as coisas embolando demais. Teve um certo dia que não deu mais, era inacreditável, porque quando as palestras terminavam os pais me procuravam pra se aconselhar e os filhos também queriam saber mais alguma coisa e eu sacrificando meus filhos pelos filhos dos outros. Ia terminar prejudicando muito meus filhos e saí (Cigana).

A prioridade elencada por Cigana está no exercício da maternidade: “Sou mãe, mulher e profissional. Mais sei que sou muito mãe, mesmo”. Percebe-se que Cigana encena, em seu cotidiano, um excesso de atividades que desafiam seu bem-estar e ao dos seus filhos.

É por assumir “de tudo a tudo” que Cigana sente beirar à exaustão. Outra dimensão de sobrecarga vivenciada por ela refere-se à colaboração do companheiro nas tarefas domésticas e com os quatro filhos. Quanto ao marido, ela verbaliza: “Já me ajudou muito quando não estava trabalhando, ele arrumava a casa e tudo era mantido limpo. Depois da entrada do problema do álcool na vida dele é que as coisas mudaram e muito, ele se degradou e virou peso morto”. Ao mesmo tempo em que reconhece o alcoolismo como um sério problema de saúde acredita que o marido poderia fazer pequenas colaborações.

E ela acaba assumindo para si todas as tarefas domésticas e o cuidado com os quatro filhos. Salvo algumas ajudas do filho adolescente, todo o resto é de sua responsabilidade.

As atribuições de tarefas, sobretudo as domésticas, vinculam-se diretamente aos papéis tradicionais de gênero na vida de Cigana. Isso pode ser identificado, por exemplo, na seguinte fala: “A maior responsabilidade é realmente minha [...] o alicerce [da casa] é Cigana”. No trecho citado, ela faz questão de notar o quanto sua presença é imprescindível ao funcionamento familiar.

“Assumir tudo sozinha”, como ela mesma anuncia, e “não abrir mão de nada” é seu maior desafio. Isso pode, por um lado, revelar insegurança em delegar tarefas e denota a falta ou inexistência de suporte no seu entorno familiar; por outro, revela também que ela foca em si todas as ocupações da casa reforçando na figura dela o “alicerce da casa”, ou seja, protagoniza seus papéis dentro e fora de casa. Assim, ela nos afirma: “Assumi, na verdade, tudo sozinha”.

A partir disso, podemos presumir que o excesso de trabalho assumido por Cigana além de ser alimentado por uma exigência própria também é aumentado por uma divisão desigual do trabalho doméstico e das responsabilidades com seus filhos e esposo. Essa sobrecarga representa um elevado fator de risco para ela; e, embora nunca o tenha feito, às vezes, sente vontade de “se entregar ao desânimo”.

Para não sucumbir a essa ameaça, procurou ajuda psicológica, com a finalidade de receber um apoio, ainda que simbólico, segundo ela. O que, com o passar do tempo não a ajudou muito, por ter se aborrecido com a orientação da psicóloga ao recomendar um acompanhamento psicoterápico, com outro profissional, para um de seus filhos. Essa recomendação reverberou numa forte resistência e, por conseguinte, num abandono da terapia.

Tal desistência aponta para um grande sentimento de culpa carregado por Cigana, sobretudo o referente aos compromissos que seu filho adolescente assume. Os encontros terapêuticos a levou também a se deparar com o “estágio deprimente” em que está seu casamento. Assim ela o nota: “Eu sei que tenho culpa também de ter deixado as coisas chegarem ao ponto que chegou. A gente nem se dá conta, quando olha é que vê o estágio das coisas”.

Do mesmo modo que Cigana escapou da terapia, notamos o quanto ela fugia do aprofundamento dessas questões. Sua resistência em falar de seu sofrimento se evidenciava durante toda a entrevista, quando ela centrou sua fala mais nos filhos, marido e nos problemas deles, do que nos seus próprios conflitos, como se fossem situações à parte. Observamos uma nítida fuga dela quando convocada a falar de si mesma.

Quando incitada a pensar em seu estado de saúde, outras manobras foram realizadas, com explicação breve e objetiva de seu delicado estado. No entanto, detalhava em minúcias os episódios em que entrou em perigo para salvar a vida de seus filhos. Mais uma vez, os filhos aparecem como o centro de suas atenções. O papel de mãe, realizado por Cigana, assume um lugar tradicional, visto que, para ela, seu investimento no trabalho e saúde (precária no momento) só vale realmente todo o esforço porque só assim ela vislumbra oferecer melhorias na qualidade de vida de seus filhos. Esse modo de ser de Cigana encontra ressonância na literatura da área:

Ao contrário do que ocorre com os homens, o compromisso total das mulheres com a carreira se dá, pelo menos parcialmente, em detrimento de seu papel familiar. A liderança do masculino não requer nenhum sacrifício de pai, a das mulheres é acompanhada de conflitos e culpa em relação às funções de mãe (Lipovestky in Meirelles, 2008, p. 71).

Os *check-ups*, iniciados todos os anos, são imediatamente interrompidos, basta surgir alguma necessidade de um dos filhos e ela se autoriza a abandonar os tratamentos médicos, pois, na sua realidade, os filhos ocupam sua “mais alta prioridade”. Essas condutas, segundo Meirelles (2008, p. 70), “se explicam pela necessidade que as mulheres sentem de manter seu senso de identidade voltado ao cuidado dos filhos, dificultando elas próprias as mudanças que almejam”. Nota-se um movimento frouxo, por parte de Cigana, para realizar mudanças em sua vida, principalmente os relacionados ao seu casamento, notoriamente em falência.

Essa crise se agravou depois dos sucessivos escândalos provocados por seu esposo em função do alcoolismo, que trouxe sérios prejuízos a família dela e aos seus filhos, motivando-a a assumir, ainda mais, as tarefas referentes ao espaço da casa e da rua.

Sara: Sargenta há 15 anos. “Eu sou super, supermãe em tudo, da educação escolar à vida, eu cuido de tudo”.

Unidades de sentido

<u>Sobrecarga das múltiplas atividades</u>	
Definição: Tarefas desempenhadas no âmbito privado e público	
<u>Temas</u>	<u>Verbalizações</u>
Desejo de fazer tudo	<p>“Meus filhos, desde que nasceram, desde a hora que eu precisei vir trabalhar, eles ficam com a minha mãe, graças a Deus ela me ajuda”.</p> <p>“Ela [a avó] fica com as crianças e eu tenho uma pessoa que faz a minha faxina de quinze em quinze dias; e o resto sou eu que faço. Faço questão de fazer”.</p> <p>“Da alimentação à arrumação”.</p> <p>“Eu me acho uma supermãe. Assim, coloco meus filhos a frente de tudo”.</p> <p>“Eu procuro atender a todos. Procuro nunca faltar ao trabalho”.</p> <p>“Eu sou super, supermãe em tudo, da educação escolar à vida, eu cuido de tudo”.</p> <p>“Cheguei a ensinar no CPM [Colégio da Polícia Militar], no período da manhã, à tarde eu estava no quartel e à noite eu fazia faculdade. Aí, chegava em casa à meia-noite”.</p>
culpabilizações	<p>“Eu saía de casa, ele [o bebê] tava dormindo, e chegava em casa e ele tava dormindo, nisso eu me culpava muito”.</p> <p>“Não era aquela vida que eu queria em nível financeiro nem profissional. Eu tento conciliar”.</p>

	“E esse negócio de ser esposa, mãe, profissional... Então, às vezes, eu me sinto sobrecarregada”.
<u>Identificação com a profissão</u>	
Definição: Engloba aspectos de forte identificação com a profissão, mesmo que ofereça riscos e/ou não ofereça condições adequadas de trabalho.	
<u>Temas</u>	<u>Verbalizações</u>
Jornada de trabalho reduzida.	<p>“Mas eu não quis deixar meu trabalho de lado. Meu trabalho é super importante, eu amo o que faço”.</p> <p>“Estou aqui no mesmo setor há treze anos e trabalho do mesmo jeito de quando entrei”.</p> <p>“Mas faço com o maior prazer da minha vida”.</p> <p>“Agora, quando tem os externos é mais preocupante”.</p> <p>“Se faz parte de minha missão a tarefa de ser policial, é assim que eu assumo”.</p>
Felicidade com o que faz.	“Eu dou graças a Deus por hoje eu estar num emprego que posso escolher”.

<u>Repercussões sobre a saúde</u>	
Definição: Prejuízos à saúde, causas de adoecimento.	
<u>Temas</u>	<u>Verbalizações</u>
Tempo para cuidar de si e da família.	<p>“Eu sou muito responsável, super mesmo. Faço <i>chek-up</i> anualmente”.</p> <p>“Por doença de filho já me ausentei, mas poucas vezes, um dia, dois no máximo”.</p> <p>“Comigo que eu me lembre, não muito”.</p> <p>“Nada que eu me lembre de ter me ausentado por um motivo grave não, um estresse, depressão. Entendeu?”</p> <p>“Mesmo nesse corre-corre nós [a família] cuidamos da saúde, principalmente eu em termos de coração. Meu cuidado é recobrado nessa área”.</p> <p>“A gente tem de se prevenir”.</p>

Reflexões sobre Sara

Sara inicia sua entrevista pontualmente na hora marcada e avisa ser uma pessoa muito objetiva, mais direta impossível. Estaria Sara nos dando algum recado? Percebemos, mais tarde, que essa postura prática e objetiva fazia todo sentido.

A vida de Sara é marcada por um histórico de excessiva carga de trabalho: chegou a uma jornada de trabalho de três turnos, sendo o último como professora; e acumulou, por alguns anos, trabalhos extras e cuidados domésticos. Hoje, encontra-se em melhores condições. Contudo, percebemos uma lembrança constante da sobrecarga de atividades, como uma marca atualizada do peso sentido por ela: “Esse negócio de ser esposa, mãe, profissional... Então, às vezes, eu me sinto sobrecarregada”.

Atualmente, ela goza de melhoria. No entanto, toda a “logística da casa e da família é minha”, conta ela. As ajudas, advindas da mãe e da contratação de uma faxineira, são apenas “para operacionalizar, já que, sozinha não daria conta”.

As experiências vividas em uma família patriarcal, configurada por um pai militar e rigoroso, parecem reforçar os estereótipos trazidos por Sara. Do ponto de vista da divisão das responsabilidades, ela aceita ajuda do esposo, mas a “super, super mesmo”, a mentora da harmonia do lar, é ela.

Para Sara, ser mulher é assumir, naturalmente, muitas funções e sempre com disposição, “da alimentação à arrumação faço questão de fazer, com ajuda, sim, mas a obrigação é minha, faço questão, eu gosto disso”.

Esse discurso, aludido diversas vezes por ela, nos remete à naturalização dos papéis atribuídos, historicamente, a cada sexo, onde o papel doméstico e o cuidado dos filhos foram sempre atribuídos à mulher. No entanto, essa representação de Sara traz consigo uma contradição: ao mesmo tempo em que concentra em si “toda a logística familiar” e reclama da sobrecarga, expressa uma profunda satisfação e felicidade em realizar tais atividades.

Hoje, alcançou uma rotina leve e tranquila para a família, mas nem sempre foi assim, já houve tempo muito corrido e atribulado para ela. Mudar esse cenário era seu maior desafio, abriu mão de uma jornada e meia de trabalho fora de casa e justifica: “Só assim posso acompanhar os meninos na escola, na natação e fazer as tarefas com eles todos os dias, eu me acho uma supermãe. Assim, coloco meus filhos a frente de tudo”. É no espaço privado da família que ela reconhece seu maior valor, conquistado com muito custo.

Trabalhar fora de casa e dividir, igualmente, as responsabilidades econômicas da casa com seu esposo é motivo de orgulho para ela. Arán (2003) salienta que se nos

anos 60 e 70 o salário da mulher assumia dentro dos lares o lugar de “segundo salário”, espécie de ajuda e complemento, hoje representa não mais um agregado e, sim, parte de uma exigência pessoal e identitária da mulher, conforme observado na fala de Sara. No artigo “Os destinos da diferença sexual”, Arán (2003, p. 05) continua:

Hoje as mulheres trabalham também por que querem. Independentemente da vida familiar, o trabalho feminino se torna um valor. Não queremos dizer com isso que as mulheres não sejam mais as principais responsáveis pela organização do lar, mas a necessidade de trabalhar ‘fora’ se caracteriza, também, como um desejo de autonomia, em que a identidade feminina não exclui uma vida profissional de sucesso.

Sara sofreu com os excessos de atividades em seu dia-a-dia e, para resolver tal impasse, foi progressivamente dedicando-se àquelas que lhes davam mais prazer, como atender de forma integral às necessidades dos filhos e enteado, acompanhá-los na escola, na prática de esportes, reuniões de pais e mestres, etc.

Entretanto, dar maior atenção a esses aspectos não significa que seu trabalho não ocupe importante lugar, mas que ela incorporou ao trabalho e à sua carreira profissional um valor constituinte de sua identidade (Arán, 2003; Veronese 2007).

Muito embora “esse negócio de ser esposa, mãe, profissional” signifique sobrecarga, ao mesmo tempo Sara revela: “Amo muito tudo o que faço, procuro fazer tudo muito bem, só por isso sou plena”. Vemos que esse modo de lidar com seu dia-a-dia não representou perigos à sua saúde - isso aconteceu, provavelmente, por ela possuir uma rede de ajuda eficiente. É de sua mãe, do esposo e da faxineira que a ajuda chega, propiciando-lhe a realização plena de tudo o que faz. E, embora se queixe, ela reconhece que sua felicidade só é completa pela existência dessas esferas em sua vida: casa, trabalho e carreira profissional.

Como Sara é uma mulher que costuma “atender a todos muito bem”, o período da redução de carga horária ficou marcado em sua história pessoal como uma época sombria e infeliz, do qual gostaria de esquecer, mas não consegue.

No momento da entrevista, se culpa e justifica-se ao dizer que o trabalho, naquela época, era muito importante para manter o padrão econômico da família, e por isso o sacrifício. Ela nos adverte em tom de exclamação: “Não quis também deixar meu trabalho de lado. Meu trabalho é superimportante, eu amo o que faço”. Ela, que trabalha no mesmo setor há treze anos, nos assegura, na defensiva, que o esforço empreendido foi em nome dos filhos. No mais, ela se preocupa em dizer que, acima dos filhos, não está nada, mas abaixo deles, com certeza, está o trabalho. “Trabalho do mesmo jeito de quando entrei, [...] faço com o maior prazer da minha vida”, fala. Nota-se, como já observado, que o trabalho ocupa importante função em sua vida.

Essa atividade profissional, ainda que satisfatória, complica quando é necessário realizar trabalhos externos, já que em sua profissão existem escalas de rondas externas, sendo esse o “lado ruim”, mas relativizado, por ela, ao dizer: “Faz parte de minha missão, a tarefa de ser policial é assim que eu assumo[...]”. E mesmo reconhecendo “os riscos eu dou graças à Deus por hoje eu estar num emprego que pude escolher”, diz referindo-se à escolha feita há quinze anos, que julga ter sido acertada.

Vemos, durante toda a entrevista, que havia uma satisfação em falar da rotina de sua casa e de seu trabalho; já o momento dedicado aos questionamentos sobre a saúde foi pouco comentado por ela. Nesse momento, ela diz que também está em primeiro lugar, reflete que seria incoerente para ela dar assistência aos outros (filhos e esposo) e não conceder a ela momentos de cuidados, por isso, uma vez por ano, faz exames regulares: “Eu sou muito responsável, super mesmo. Faço *chek-up* anualmente”.

A saúde de Sara, como ela mesma denomina, “está em dia, a gente tem de se prevenir”, por isso o adoecimento, devido à prevenção, nunca a acometeu. Aliás, nem por causas não-preventivas, pois doença, segundo ela, é uma palavra que não constou em seu vocabulário, até o momento. Inclusive, ela nem recorda da época que ficou

doente: “Comigo, que eu me lembre, não muito”. As vezes que se ausentou do trabalho foi por motivo de doença dos filhos. E diz: “Nada que eu me lembre de ter me ausentado por um motivo grave não... Um estresse, depressão. Entendeu? [...] por doença de filho já me ausentei, mas poucas vezes, um dia, dois no máximo”.

Em relação à saúde, sua maior preocupação é com as doenças coronárias, porque há uma grande incidência em seu histórico familiar. Assim, ela nos diz: “Mesmo nesse corre-corre, nós [a família] cuidamos da saúde”.

Como observado, Sara assume para si boa parte das responsabilidades da casa, seu relato indicou, que essa foi uma escolha fruto de um desejo pessoal e familiar, sobretudo pessoal, já que considera seu papel de mãe como o mais importante de todos que desempenha.

Se valeu a pena? Se pergunta Sara. Na qual responde: “Valeu não, vale! Foi com as escolhas que fiz, que hoje me sinto mais feliz e, sei que não estou em dívida com ninguém” encerra.

REFLEXÕES SOBRE AS ENTREVISTAS

A análise dos relatos das mulheres participantes, revelou-nos, dimensões importantes da interação entre, as múltiplas atividades desenvolvidas pela mulher e, as ressonâncias sobre a saúde. Apontou, também, para a existência de relações fundamentais entre o excesso de trabalho, domiciliar e extradomiciliar, vivenciado por essas mulheres, e as repercussões positivas ou negativas sobre a saúde de cada uma delas.

Na formação de parcerias, por parte dessas mulheres, destacou-se, a ajuda das mães, dos filhos, empregadas e do esposo, sendo esse último citado apenas por uma das nossas entrevistadas.

Percebeu-se que, a manutenção de uma vida mais equilibrada e saudável, exigiu, por parte delas, a nomeação de uma presença/suporte que as ajudasse na administração da casa e cuidado com os filhos. A presença e participação desses suportes afetivos, se configuraram, como a principal estratégia de enfrentamento, para alívio da sobrecarga de trabalho, muito embora, foi unânime entre as mulheres o destaque: a figura fundamental dentro do grupo familiar residia nelas e, por vezes, entre a ameaça de ter seu lugar usurpado, ou obter ajuda, escolheriam assumir tudo, sozinhas.

Dentre as mulheres, que se queixaram da sobrecarga e que observavam efeitos nocivos sobre a saúde, nos chamou atenção o fato de nenhuma delas contar com a participação efetiva de alguma ajuda externa, ou seja, sua rede de apoio era escassa e havia uma ausência de parcerias para o enfrentamento no dia-a-dia.



CAPÍTULO V

*Luz,
Quero luz,
Sei que além das cortinas
São palcos azuis,
E infinitas cortinas com palcos atrás
(Buarque, C. Música: Vida)*

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em diversas oportunidades, ao longo dessa pesquisa, foram sendo tecidas reflexões e observações quanto aos modos de subjetivar-se da mulher contemporânea. Nesse cenário, apresentaram-se diferentes e inéditas paisagens subjetivas e culturais. Esteve permeada entre a vida dessas mulheres, configurações e arranjos bastante interessantes, sobretudo, aquele que diz respeito ao excesso de compromissos (domiciliares e profissionais), e a coexistência de “novas” e “velhas” formas de funcionamento, em suas vidas.

Nesse sentido, a pesquisa identificou aspectos inerentes à condição da mulher em suas múltiplas atividades. Por exemplo, no grupo estudado, ao discursarem sobre o excesso de responsabilidades e cobranças, as mulheres, se remetiam, prioritariamente, ao desejo de atuarem de modo integral às exigências, profissionais, domésticas e familiares. No entanto, os conflitos emergiam sempre que uma dessas áreas eram afetadas ou prejudicadas. Destacando-se, em grau de maior importância o investimento na vida familiar.

Chama atenção, nos relatos de vida, que todas as entrevistadas que se queixavam de repercussões negativas sobre a saúde, permanecia em seu imaginário, uma idéia quase arquetípica da representação do “ser mãe” e “ser mulher” de outrora, carregado de um forte sentimento de culpa, todas as vezes, que não se cumpriu integralmente às expectativas dos filhos e do marido. Esta característica comum nos leva a refletir sobre os resíduos culturais e subjetivos que são deixados de herança e que permanecem presentes e perpetuados de geração a geração. E, apesar do exercício da

profissão, ser positivo e satisfatório, em todas as entrevistadas, foi quase unânime, entre elas, o discurso de que o interior do lar não deveria jamais sair prejudicado.

Entretanto, no sobrepeso de atividades, assumidas por essas mulheres, ficava impossível não ter tal espaço (da casa) afetado. Poderia uma mulher, assumir três jornadas de trabalho extradomiciliar, acrescentando mais uma jornada domiciliar, e permanecer intacta, ou ilesa, física e emocionalmente? Para nós, ficou evidente que não; essa é uma das respostas encontradas nesse estudo.

Contudo, algumas saídas/estratégias de enfrentamento, foram sendo tecidas por essas mulheres para atenuar os impactos negativos. A mais destacada, entre elas, foi a busca por redes de apoio – familiar e social – estas se configuraram, como o mais importante fator de proteção ao risco e manutenção da saúde. Esse suporte, assumiu lugar fundamental, na tessitura de estratégias de enfrentamento. Os processos de saúde e doença, mantiveram ligação estreita, entre a formação ou não, dessas fontes de apoio externa.

A história de excessos cometidos por algumas dessas mulheres e a ausência de suportes, propicia o aparecimento mais freqüente de algumas doenças. Entre elas, hipertensão, hipertireoidismo, sintomas de depressão e ansiedade, choro fácil, obesidade, problemas de coluna e dores de cabeça. Destacando que redes sociais enfraquecidas, propiciaram uma maior vulnerabilidade ao adoecimento, nesse grupo estudado.

A função de suporte emocional e financeiro da família esteve presente (em quase todas) as mulheres entrevistadas, levando-as a se colocarem no lugar de protagonista da trama familiar. No aspecto econômico, por exemplo, houve superação do poder aquisitivo delas em relação ao do cônjuge. Esse dado nos reafirmou, o que já fora dito anteriormente: as mulheres com múltiplas atividades, mantiveram as funções

historicamente delegadas ao feminino e, somaram para si, aquela historicamente delegada ao masculino, o sustento financeiro do lar.

Não podemos deixar de destacar, que a escolha por uma profissão de risco demarca uma produção de subjetividade bastante peculiar ao grupo estudado. Agenciando desse modo, processos de subjetivação próprios dessas funções exercidas no trabalho e pelo qual foram se transformando de sofrimento em adoecimento.

As policiais, professoras em área de risco, segurança armada e taxistas apresentaram com certa regularidade em seus discursos, prováveis complicações devido a função laboral, na qual continham em suas atribuições características e necessidades com altos índices de riscos ergonômicos, exigindo de cada uma delas maiores esforços, seja a nível físico, emocional ou ambiental.

Desse modo a relação de múltiplas atividades, profissões de risco e ressonâncias sobre a saúde assumiram um importante vértice de análise para as questões propostas nessa pesquisa, mas não o único. Consideraram-se ao longo desse trabalho, variados causadores de adoecimento, que traziam consigo uma carga histórica, cultural, ideológica, afetiva e pessoal. Sendo assim, os impactos sobre a saúde dessas mulheres, estavam marcadas e compostas por esses diferentes vértices.

Foi na soma dessas experiências e heranças, que as mulheres aqui pesquisadas apreendiam e expressavam seu recorte singular no mundo, tecendo e construindo subjetividades.

Apesar de únicos, cada depoimento não deixa de nos proporcionar novos questionamentos. Senão, vejamos: ao mesmo tempo em que cada mulher, expressa o desejo de poder se dedicar integralmente à rotina domiciliar, incluindo a maternidade, nos perguntamos como as configurações subjetivas se modulariam a partir dessa opção?

Também nos perguntamos: As altas culpabilizações e cobranças, no que tange ao pouco tempo dedicado ao exercício da maternidade, poderiam advir, do fato dessas mulheres possuírem uma conscientização mais aguçada? Foi instigante observar, o quanto essas mulheres atraíam para si as responsabilidades do lar, mesmo na presença de um suporte familiar e operacional estruturado. Responder essas questões, requer de nós, uma nova pesquisa.

Os depoimentos, que compuseram esse trabalho, se, por um lado, nos remete aos estereótipos e papéis tradicionais de gênero, por outro, nos conduzem a uma maior conscientização, comprometimento e investimento, no que diz respeito, ao funcionamento da vida familiar.

Para encerrar, parafraseando Chico Buarque de Holanda, na canção intitulada vida, eu digo, *“Luz/ Quero luz/ Sei que além das cortinas/ São palcos azuis/ E infinitas cortinas/ Com palcos atrás”*... A metáfora das cortinas infinitas, enquanto tal, aponta-nos, para a possibilidade de variados territórios existenciais.

Entretanto, é difícil fechar “as cortinas” de um trabalho, sobretudo, quando este trata de uma pesquisa qualitativa que, por sua natureza, nunca se fecha e jamais se esgota. No entanto, nesse momento, faz-se necessário fechar “as cortinas”, que nos desvelaram e, nos revelaram, o fenômeno por nós estudado.

Conscientes de que, do mesmo jeito, que o poeta vislumbrou infinitas cortinas, com palcos atrás, outros pesquisadores, também poderão reconhecer, infinitas possibilidades desse mesmo tema ser revisitado. E dessa forma, reafirmamos nossa crença na renovação constante, seja da ciência, da vida ou de nós mulheres.

REFERÊNCIAS

Aran, M. (2003, p. 399). Os destinos da diferença na cultura contemporânea. *Estudos feministas*, 11(2), 399-422.

Arendt, H. (1995). *A condição humana*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.

Aurélio, B. H. (2007). *Novo dicionário eletrônico Aurélio versão 5.0*. Positivo. informática Limitada.

Associação Internacional de Gerenciamento do Estresse. EGIA. *Incidência do Burnout*.
Obtido em http://www.associacaointer/gerenc_stress de 15/05/2009.

Bauman, Z. (2004). *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Bauman, Z. (2004). *Amor Líquido*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Barrio, A-B. E. (2005). *Manual de Antropologia Cultural*. (pp. 28). Recife: Massagana.

Brant, L.C. ; Mynaio, C. G. (2004). A transformação do sofrimento em adoecimento: do nascimento da clínica à psicodinâmica do trabalho. *Ciência e saúde coletiva*, 9(1), 213-222.

Benevides, R. B. (1994). *A afirmação de um simulacro*. Tese de doutorado. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica.

Bulfinch, T. (1999). Prometeu e Pandora. Em, *O Livro de ouro da mitologia (a idade da fábula): história de deuses e heróis*. (8º Ed.). Rio de Janeiro: Ediouro.

Couto-oliveira, V. (2007). *Vida de mulher: gênero, pobreza, saúde mental e resiliência*. Dissertação de mestrado. Brasília: Universidade de Brasília. Obtido em http://bdfd.bce.unb.br/telessimplificado/tde_busca/arquivo.php.codarquivo=2815 de 15 de Maio de 2008.

- Camargo, C. (2001, 2ª ed). *As causas de adoecimento no trabalho são variadas*. Rio de Janeiro: Ateliê Cultural.
- Carlotto, S. M (2002). A síndrome de Burnout e o trabalho docente. *Revista Psicologia em Estudo*. 7(1) pp. 21-29.
- Codo, W. (2004). *Psicopatologia do trabalho*. Em, Codo, W. (org) O trabalho enlouquece? Petrópolis: Vozes.
- Costa. J. F. (1995). *Ordem médica e norma familiar*. (4ª Ed.). Rio de Janeiro: Graal.
- Deleuze, G. (1993). *Conversações*. Rio de Janeiro: 34.
- Deleuze, G., Guatarri, F.(1995, Vol. I). *Mil platôs: Capitalismo e esquizofrenia*. Rio de Janeiro: 34.
- Dejours, C. (1992). *A loucura do trabalho: estudo da psicopatologia do trabalho*. São Paulo: Cortez.
- Dejours, C. (1994). *A loucura do trabalho: estudo da psicopatologia do trabalho*. São Paulo: Cortez.
- Diniz, G. (2004). Mulher, trabalho e saúde mental. Em Codo, W. (org.), *O trabalho enlouquece? Um encontro entre a clínica e o trabalho*. Petrópolis: Vozes.
- Diniz, G. (2005). Casais que trabalham e são felizes: mito ou realidade. *Psicologia clínica*, 17 (2), 15-29.
- Fae, R. A. (2004). A genealogia em Foucault. *Psicologia em estudo*, 9 (3), 409-416.
- Francisco, A. L *Instituições e dispositivos institucionais*. Tese de doutorado. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

- Foucault, M. (1986 - 1995). *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal.
- Foucault, M. (2007, 15ª Ed). *A ordem dos discursos*. São Paulo: Loyola.
- Ferreira (2000, 2ª ed). *Dicionário de Latim- Português*. Porto Alegre: Porto.
- Fundação Perseu Abramo (2001). *A mulher nos espaços público e privado: como vivem e o que pensam as brasileiras no início do século XXI*. Obtido em: <http://www.fpa.org.br> de 27 de Maio de 2009.
- Fundo de Desenvolvimento das Nações Unidas para a Mulher - UNIFEM (2008/2009). *O progresso das mulheres no mundo*. Obtido em <http://www.violenciamulher.org.br> de 12 de Junho de 2009.
- Freud, S. (2004). *Obras completas*. Versão on line.
- Guatarri, F.; Rolnik, S. (2004). *Micropolítica: Cartografias do desejo*. Petrópolis: Vozes.
- Giddens, A. (2003). *As consequências da modernidade*. São Paulo: UNESP.
- Gomes, P. B. (2003). *Psicodinâmica das novas estruturas familiares*. Em Gomes, P. B. (Org.), *Vínculos Amorosos Contemporâneos*. São Paulo: Callis, 2003.
- Gomes, L. G.; Júnior, N. S. (2007). Sobre a amizade em tempos de solidão. *Psicologia & Sociedade*. 19(2). 57-64.
- Hall, S. (2001). *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A.
- Hillesheim, B. (2004,). *Trabalho doméstico: “o serviço de sempre”*. (pp.39-53). Em, Strey, M. N., Cabeda, S. T. L., Prehn, D. R. (Orgs.), *Gênero e cultura – questões contemporâneas*. Porto Alegre: EDIPUCRS.

Kraft, U. (2006), Esgotamento Total. *Revista mente & cérebro - Scientific American*. 6 (3). 61-67.

Laville. C.; Dionne. B. (1999) *Construção do saber: Manual de Metodologia da pesquisa em Ciências Humanas*. Porto Alegre: UFMG.

Laquer (2001). *Inventando o sexo. Corpo e gênero dos gregos a Freud*. Rio de Janeiro: Relume Dumará.

Laraia, R. B. (2006, 19ªed). *Cultura: um conceito antropológico*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Meirelles, V. (2008,). Mulheres nos casamentos de dupla-carreira: uma realidade a ser refletida. (pp. 68-74). Em Meireles, V. (Org.), *Mulher do século XXI*. São Paulo: Roca.

Minayo, M. C. S. (2007, 28ª ed). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Vozes.

Minayo (1994, 6ª Ed.). *O desafio do conhecimento. Pesquisa qualitativa em saúde*. São Paulo – Rio de Janeiro: HUCITEC.

Morin, E. (1996). *Epistemologia da complexidade*. Em Schnitman, D. F. (org), *Novos paradigmas, cultura e subjetividade*. Porto Alegre: Artes médicas.

Passos, M. C. (2005). Nem tudo que muda, muda tudo: um estudo sobre as funções da família. In: Terezinha feres-Carneiro. (org). *Família e casal; efeitos da contemporaneidade*. Rio de Janeiro: PUC RIO.

Priore. M. (2001). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto.

Priore (2008). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto.

Perrot . M. (2004). *As mulheres ou os silêncios da história*. Bauru: EDUSC.

- Rocha-Coutinho, M. L. (2004). Quando o executivo é uma “dama”: A mulher, a carreira e as relações familiares. Em Rocha-Coutinho, M. L. (Org.), *Família e casal: arranjos e demandas contemporâneas*.
- Rolnik, S. (1989). *Cartografia Sentimental*. Transformações contemporâneas do desejo. São Paulo: Estação liberdade.
- Schnitman, D.F. (1996). *Introdução: ciência, cultura e subjetividade*. Em Schnitman, D. F. *Novos paradigmas, Cultura e Subjetividade*. Porto Alegre: Artes médicas.
- Safra, G. (2004, 2ª ed). *A po-ética na clínica contemporânea*. São Paulo: Idéias & letras.
- Simon, H. B. (2006). O trabalho mata? *Revista mente e cérebro edição especial*. 6 (1). 68-72.
- Síntese de Indicadores sociais – IBGE (2007). *Uma análise das condições de vida da população brasileira*. Rio de Janeiro: Ministério do planejamento, orçamento e gestão. (pp. 204-207). Rio de Janeiro: Versão eletrônica.
- Tavares, F.; Irving, M. A. (2007). Do sólido ao líquido: consumo, logo existo? *Revista Comum*. 13 (29), 90-116.
- Turato, E. R. (2003). *Tratado da metodologia clínico-qualitativa: a construção teórico-epistemológica, discussão comparada e aplicação nas áreas da saúde e humanas*. Rio de Janeiro: Vozes.
- Veronese, M. V. (2007). Subjetividade, trabalho e solidariedade. *Revista Aletheia*. 24(12), 1-13.
- Vernant, J. P. (2001). *Os semblantes de Pandora*. Em Vernant, J. P. *Entre mito e política*. São Paulo: USP.
- Winnicott, D. (1993, 4ª Ed). *Objetos e fenômenos transicionais*. Textos selecionados, da

pediatria à psicanálise. Rio de Janeiro: Francisco Alves.

World Health Organization / Organização mundial de Saúde. WHO/OMS (2006).

Gênero e saúde mental das mulheres. Obtido em:

<http://www.oms.int/mental/prevencion/generomulher/en/print/html> de 07/04/2008.

ANEXOS

ANEXO I:
Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE

Título da Pesquisa: As múltiplas atividades desenvolvidas pela mulher e as possíveis repercussões sobre a saúde.

1. A Senhora está sendo convidada para participar da pesquisa intitulada: “as múltiplas atividades desenvolvidas pela mulher e os possíveis possíveis efeitos sobre a saúde’
2. A seleção ocorreu através do método intencional e a sua participação não é obrigatória.
3. A qualquer momento a senhora pode desistir de participar e retirar seu consentimento.
4. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com o pesquisador ou com a Universidade Católica de Pernambuco.
5. Os objetivos deste estudo são: pesquisar Os efeitos das múltiplas atividades desenvolvidas por mulheres de categorias profissionais expostas a riscos (motoristas de táxi, condutoras de metrô, vigilantes), e as possíveis repercussões sobre sua saúde. Como objetivos específicos: caracterizar as configurações familiares em que as mulheres de categorias profissionais expostas a riscos estão inseridas; analisar os modos de enfrentamento dessas mulheres mediante as cobranças sociais e familiares ao seu desempenho nas funções domésticas e profissionais; analisar as condições de apoio social à mulher de categoria profissional exposta a riscos, observando se há ou não sua participação em cooperativas, grupos de apoio, associações, etc.
6. A participação da senhora nesta pesquisa consistirá em responder a uma entrevista semidirigida, constando de perguntas sobre o tema, tais como: conte sobre a história da sua família, como ela foi formada, a senhora é ou já foi casada? Há quantos anos tem essa família? como é para a senhora trabalhar num serviço que oferece riscos a sua saúde, e ao chegar em casa precisar cuidar dos filhos e da própria casa? De quem é a responsabilidade com a manutenção econômica da sua casa? A senhora conta com alguma ajuda para reduzir sua carga de trabalho? Conta com apoio de algumas pessoas (filhos, marido, irmãos), ou instituições (sindicatos, cooperativas, associações, etc.) Apresenta ou já apresentou queixas em relação a sua saúde, procura ou já procurou assistência médica e/ou psicológica?
Essa entrevista será individual, ocorrerá em local de sua escolha e será gravada, caso a senhora permita. Posteriormente, o material coletado será guardado com o pesquisador principal, em local seguro e sem possibilidades de uso por terceiros, por cinco anos. Após esse tempo será incinerado. Nesse material não haverá a sua identificação.
7. A pesquisa não trará riscos para a senhora ou para a sua família, no entanto, a senhora poderá se sentir constrangida de responder uma ou outra pergunta. Nesse caso, a senhora estará livre para continuar ou não na pesquisa. No entanto, lembre-se que suas respostas serão sigilosas.

8. A participação da senhora trará benefícios para a senhora, como também para outras mulheres em situação semelhante, ajudando-as em seus relacionamentos com a família. Outro benefício da pesquisa será a possibilidade de planejamento de ações de atenção à mulher com múltiplas atividades. As informações obtidas através dessa pesquisa serão confidenciais e asseguramos o sigilo sobre a sua participação.

9. Os dados coletados serão divulgados em atividades científicas, tipo congressos, mantendo-se o sigilo da sua identidade.

10. A senhora receberá uma cópia deste termo onde consta o telefone e o endereço do pesquisador principal, podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento.

DADOS DO PESQUISADOR PRINCIPAL (ORIENTADOR):

Albenise de Oliveira Lima.
Rua do Príncipe, 526, Boa Vista, CEP 50050-900.
Telefone: (81) 2119-4172

Declaração após leitura:

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios da minha participação na pesquisa e concordo em participar.

O pesquisador me informou que o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da UNICAP que funciona na PRÓ-REITORIA ACADÊMICA da UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO, localizada na RUA ALMEIDA CUNHA, 245 – SANTO AMARO – BLOCO G4 – 8º ANDAR – CEP 50050-480 RECIFE – PE – BRASIL. TELEFONE (81).2119.4376 – FAX (81)2119.4004 – ENDEREÇO ELETRÔNICO: pesquisa_prac@unicap.br

Recife, _____ de _____ de 2009

Participante da pesquisa *

ANEXO II

Perfil sócio-demográfico e roteiro das entrevistas

NOME: fictício	DATA:
EM QUE TRABALHA?	IDADE:
BAIRRO ONDE MORA:	
NÍVEL DE INSTRUÇÃO?	
RENDA FAMILIAR E PESSOAL?	

- Conte sobre a história da sua família, como ela foi formada, a senhora é ou já foi casada? Há quantos anos tem essa família?
- Como é para a senhora trabalhar num serviço que oferece riscos a sua saúde, e ao chegar em casa, precisar cuidar dos filhos e da organização do lar?
- De quem é a responsabilidade com a manutenção econômica da sua casa?
- A senhora conta com alguma ajuda para reduzir sua carga de trabalho? Conta com apoio de algumas pessoas (filhos, marido, irmãos), ou instituições (sindicatos, cooperativas, associações, etc.)
- Apresenta ou já apresentou queixas em relação a sua saúde, procura ou já procurou assistência médica e/ou psicológica?